

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**LÍGIA DE PAULA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO PARA O TURISMO E O TURISMO COMUNITÁRIO:**  
UMA ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS DA ESCOLA  
MUNICIPAL RURAL DA VILA DE BARBADOS, ILHA DE SUPERAGUI,  
GUARAQUEÇABA, PARANÁ

**CURITIBA**  
**2015**

**LÍGIA DE PAULA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO PARA O TURISMO E O TURISMO COMUNITÁRIO:  
UMA ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS DA ESCOLA  
MUNICIPAL RURAL DA VILA DE BARBADOS, ILHA DE SUPERAGUI,  
GUARAQUEÇABA, PARANÁ**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à disciplina Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Turismo, do Curso de Turismo, Departamento de Turismo, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche

**CURITIBA  
2015**

## AGRADECIMENTOS

Como concretização desta etapa, em primeiro, agradeço a Professora Letícia Nitsche, por sua orientação, compreensão, apoio em todas as dúvidas e inseguranças e também nos encontros da pesquisa, quando a prática e a teoria convergiram em texto;

Agradeço a Professora Silvana Souza por aceitar o convite para a banca de qualificação e por seus valorosos comentários que foram cruciais a conclusão deste trabalho e juntamente a Mestranda Angela Nardelli na banca de defesa final possibilitando o diálogo enriquecedor a cerca do trabalho;

Gratidão imensa à presença na vida dos grandes amigos, Aline, Janaína, Marina, Tom, Anderson, Gabriel, Nelma, Edvaldo, Isabela e Talita, são meu grande presente. Ao meu grande companheiro Luiz Fernando por seu apoio incansável, compreensão e leituras, por me ensinar que o caminho mais fácil é o mais simples e o simples exige coragem. Ao Renato Caiçara e Andressa, meus companheiros das primeiras às atuais remadas em terras caiçaras, cuja presença foi essencial a conclusão deste trabalho em momentos turbulentos;

Com amor incondicional, agradeço aos meus pais, pela vida e educação que me permitiram sonhar. Aos meus irmãos mais novos, pelos momentos de descontração e convívio com o universo da criança e ao meu irmão mais velho e sua família, pelo apoio e disciplina;

Sobretudo agradeço a comunidade de Barbados, as crianças, a Professora Rosália, a Celi, Biá, D. Nilse, Sr. Custódio e D. Luciane, Odair e Tereza, todos que com o coração aberto me receberam, me hospedaram e me ensinaram sem formalidades sobre a simplicidade, o carinho e o tempo do ser humano ser essencialmente a hora da maré: entre a enchente e a vazante, a vida se dá.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar os elementos que caracterizam o turismo no espaço de vivência das crianças da Escola Municipal Rural de Barbados, comunidade localizada no litoral norte do Paraná, Ilha de Superagui, Guaraqueçaba. Para atingi-lo a pesquisa dividiu-se em duas etapas. A primeira, de pesquisa bibliográfica e discussão de conceitos-chave norteadores abordando o turismo comunitário, estudos da percepção e a criança, elementos da educação para o turismo e caracterização da comunidade de Barbados. A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo, de caráter qualitativo, através das técnicas de observação participante e os mapas mentais a fim de captar a percepção dos sujeitos de pesquisa. A partir destas duas etapas pode-se identificar que as crianças apesar de perceber em seu espaço de vivência a atividade do turismo e identificar potenciais ao turismo comunitário não participam ativamente desta. Disto estruturou-se uma proposta de material didático e audiovisual produzido da investigação das próprias crianças sobre os atrativos de sua comunidade.

Palavras-chave: Turismo comunitário; educação para o turismo; crianças; percepção; Vila de Barbados.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - VILA DE BARBADOS E OUTRAS COMUNIDADES NA REGIÃO DO PARNA SUPERAGUI

FIGURA 2 – MAPA REGINAL DAS VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS EM BARBADOS

FIGURA 3 – MAPA FOCAL DAS VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS EM BARBADOS

FIGURA 4 – VILA DE BARBADOS

FIGURA 5 – MAQUETE DA VILA DE BARBADOS CONSTRUÍDA PELOS ALUNOS DA EMR DE BARBADOS

FIGURA 6 – MAPA MENTAL - SUJEITO I

FIGURA 7 – MAPA MENTAL – SUJEITO II

FIGURA 8 – MAPA MENTAL - SUJEITO III

FIGURA 9 – MAPA MENTAL - SUJEITO IV

FIGURA 10 – MAPA MENTAL - SUJEITO V

FIGURA 11 – MAPA MENTAL - SUJEITO VI

FIGURA 12 – MAPA MENTAL - SUJEITO VII

FIGURA 13 - MAPA MENTAL - SUJEITO VIII

FIGURA 14 - MAPA MENTAL – SUJEITO IX

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - TRABALHOS CIENTÍFICOS RECENTES COM LOCUS EM BARBADOS

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMR	Escola Municipal Rural
ICMBio	Instituto Chico Mendes da Biodiversidade
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MTUR	Ministério do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
PARNA	Parque Nacional
UC	Unidade de Conservação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>TURISMO COMUNITÁRIO</b> .....	<b>14</b>
2.1	ESPAÇO DE VIVÊNCIA E A PERCEPÇÃO: O OLHAR DA CRIANÇA.....	20
<b>3</b>	<b>ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO PARA O TURISMO</b> .....	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>VILA DE BARBADOS: ESPAÇO DE VIVÊNCIA E O TURISMO</b> .....	<b>32</b>
4.1	ESCOLA MUNICIPAL RURAL DE BARBADOS.....	45
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS</b> .....	<b>52</b>
<b>7</b>	<b>PROJETO: DESVENDANDO A MINHA COMUNIDADE</b> .....	<b>67</b>
7.1	DESCRIÇÃO DO PROJETO .....	67
7.1.1	Sensibilização .....	69
7.1.2	Oficinas com os Atores Mirins.....	71
7.1.3	Edição e produção dos Materiais .....	73
7.1.4	Apresentação dos materiais à Comunidade .....	73
7.2	CRONOGRAMA DO PROJETO.....	74
7.3	CUSTOS.....	74
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“A socialização de um pesquisador  
exige um exercício permanente  
de crítica e autocrítica.”  
(Goldenberg, 2007, p. 14)*

O turismo versa com todos os setores da sociedade entre os econômicos, socioculturais, ambientais e políticos, sendo atividade dual que gera impactos tanto positivos quanto negativos nas localidades em que se desenvolve. Por suas características tem-se as demandas geradas aos destinos por conta do fluxo de pessoas que se deslocam a estes, ou ainda pelo fluxo de visitantes que quer atrair para tais destinos. Consequente, para a atividade turística ter êxito, requer-se o planejamento da mesma considerando tais impactos gerados ao território e a população do destino, como degradação do ambiente natural, geração de alternativa de emprego e renda, impactos a cultura local. Sobretudo há de se considerar ao processo de planejamento da atividade a sua apropriação de espaços de riquezas naturais e territórios de grupos sociais e comunidades minoritárias, tendo em vista as fragilidades envolvidas.

Esses impactos, há algum tempo, deixaram de ser atribuídos em responsabilidade somente aos turistas, sendo aliados a falta de políticas públicas (turismo e meio ambiente) em relação ao rápido crescimento da atividade turística (SOUSA; MARTINS, 2013) e, conforme aponta Coriolano (2007) uma responsabilidade dividida entre produtores e consumidores desta atividade na proteção ou degradação dos territórios turísticos. Desta forma, tal processo de planejamento turístico objetivando o desenvolvimento local sustentável, deve ter participação da população residente, considerando que este seja um processo endógeno às comunidades.

Azevedo (1997) ressalta a correlação no turismo entre o espaço, cultura e educação, tratando-o como “um processo essencialmente pedagógico. Seja na percepção de outras realidades e diferentes estilos de vida; na utilização de tempo ocioso; na preservação de bens” (AZEVEDO, 1997, p. 147). Ruschman (1997) defende que a educação para o turismo compõe uma forma de auxílio no êxito do planejamento sustentável da atividade, formando uma consciência turística de

moradores e visitantes, corroborando ao controle e minimização dos impactos da atividade.

O turismo comunitário parte da prerrogativa de grupo social engajado com senso crítico a discernir o que se deseja nas localidades em que tais iniciativas são propostas. Nisto, a ideia de se conciliar os modos de vida locais às estruturas mais amplas, tendo neste segmento uma estratégia de complemento de renda - haja visto que, o turismo comunitário não é proposto como a principal atividade à uma comunidade; e ainda uma estratégia de comunicação entre povos e culturas (SANSOLO; BURSKYN, 2009; SAMPAIO; LESAMA; ARAUJO; MENDEZ, 2012).

Confere-se a este segmento como seus principais “atrativos” os modos e práticas de vida de populações mantidos através de tradições passadas de geração para geração e compartilhados no encontro com o visitante, atrelando em essência o sentido da identidade histórico-cultural, o intercambio cultural promovido no encontro, a alteridade e convivência entre povos em um determinado evento. Tais atrativos, podem ser denominados ‘vivências’, que normalmente são protagonizados pelos membros adultos e mais velhos das comunidades.

Considera-se que existe uma lacuna intergeracional no que diz respeito ao envolvimento dos jovens e crianças nas atividades tradicionais, o qual é bastante importante para que as iniciativas do turismo comunitário tenham maior chance ao êxito. Tal lacuna refere-se a falta de inserção e também ao desinteresse dos mais jovens em aprender e cultivar os saberes ancestrais implicando na descontinuidade de muitas práticas tradicionais, o que também vem a influir no turismo de vivências que fica restrito ao engajamento e protagonismo dos mais velhos. Acredita-se no envolvimento dos mais jovens e crianças, com um importante eixo de força ao fortalecimento do sentido de comunidade e pertencimento ao lugar através do estímulo as relações intergeracionais e trocas de saberes tradicionais e ambientais.

Tendo em vista as relações entre o desenvolvimento local, o turismo comunitário e a educação para o turismo, propõe-se nesta pesquisa traçar o diálogo entre o turismo e a educação, vendo-os como aliados e instrumentalizadores para a formação de sujeitos de desenvolvimento do turismo comunitário.

Nesta pesquisa, considera-se abordagem sob a perspectiva do desenvolvimento endógeno e da educação para um turismo que incorpore os características locais, para além da profissionalização e prestação de serviços. Aborda-se a iniciativa de Turismo Comunitário na Vila de Barbados, localizada na

Ilha de Superagui, Guaraqueçaba, Paraná. O universo da pesquisa são as crianças de Barbados que frequentam a Escola Municipal Rural – EMR dos primeiros anos do ensino fundamental, única escola na comunidade. Busca-se compreender qual o olhar que essas crianças lançam sobre o seu espaço de vivência e, em específico, qual a percepção que têm sobre o turismo neste espaço?

Acredita-se que através da percepção da criança sobre o turismo na comunidade, ter-se-á uma nova perspectiva sobre a atividade turística local e seu desenvolvimento. É ainda uma oportunidade de estimular a participação ativa destas crianças, cuja presença é marcante na comunidade, considerando seu valor como sujeitos de desenvolvimento também. Justifica-se o estudo junto às crianças da comunidade por avaliar que estas têm uma diferente percepção sobre o espaço vivenciado e a relação com os conflitos a que este espaço está sujeito, quer seja com a legislação ambiental a que está submetida, quer seja pela natural desconfiança frente a ação dos agentes externos tão presentes no cotidiano da comunidade e tantas outras da região em que Barbados está inserida. Área interior de uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral, o Parque Nacional do Superagui, o que confere restrições ambientais rigorosas sobre seu espaço. Gerando conflitos ambientais e socioculturais na localidade, pois se reprimem atividades produtivas, como a agricultura, o extrativismo que dicotomizam a relação do homem e natureza, sendo uma comunidade tradicional, tais restrições afetam ou até mesmo coíbem muitas das práticas tradicionais. Nesta UC, o turismo é tido como uma das alternativas econômicas às comunidades que nela estão inseridas.

As iniciativas de turismo comunitário tem suas dificuldades e desafios, entres os principais, a descontinuidade nas ações, o que se dá muitas vezes pelo motivo da pouca apropriação dos moradores locais das propostas. Este fator que é princípio básico a uma proposta de turismo comunitário, é na realidade muitas vezes protagonizado por agentes externos, estando a duração e realização das atividades vinculadas ao tempo de intervenção destes agentes na comunidade. Ou seja, a comunidade participa de todo o processo, mas por si só não o coordena, entrando em contradição com a premissa fundamental a este segmento do turismo.

Este pesquisa é fruto da atuação da pesquisadora na Vila de Barbados em atividades voluntárias e acadêmicas, mais ativamente no período de 2009 a 2012. Durante este anos, obteve-se vínculo com a comunidade, inicialmente através de trabalhos voluntários com caráter assistencialista e recreativo, com os 'Mutirões da

Alegria' – viagens idealizadas por um nativo da Ilha das Peças que atua como mobilizador de pessoas de fora daquela realidade, como moradores de Curitiba, levando doações no Dia das Crianças de cada ano. Após este primeiro contato, foi realizada viagem à comunidade de Barbados, junto à disciplina optativa de Turismo Rural da Universidade Federal do Paraná, atividade de visita técnica organizada em parceria com a responsável pela primeira iniciativa de Turismo Comunitário organizado em Barbados. E posteriormente, atuando com projetos em conjunto a comunidade alicerçados na proposta de fortalecimento cultural, que tinha no turismo comunitário uma de suas linhas de ação – dando continuidade aos trabalhos da referida primeira iniciativa, que foi o coletivo denominado “Casa de Cultura Caiçara”.

Com as experiências no local, tanto em atividades práticas quanto no acompanhamento e realização de pesquisas acadêmicas, surgiu o interesse sobre a atividade do turismo comunitário e o seu recorrente problema de descontinuidade nas iniciativas e o papel que a escola representa como possibilidade de discutir o turismo e enraizar propostas.

A proposta da Educação para o turismo como temática a ser tratada junto à EMR de Barbados, sem uma abordagem profissionalizante, mas no intento de trabalhar a criticidade sobre a atividade turística no espaço sob o olhar da criança, conforma-se em uma oportunidade de criar um caminho que antecede a atividade fim do turismo, mas que possibilita meios para que o turismo comunitário possa ser realmente abordado como um eixo de desenvolvimento local endógeno e, dessa forma, se estruture. É sobretudo uma abordagem que busca provocar uma reflexão sobre a percepção das crianças como sujeitos do desenvolvimento do turismo.

Como o ponto inicial para quaisquer pesquisa é uma pergunta, para a qual delimitam-se objetivos e os caminhos a se percorrer para respondê-la. Neste estudo, tem-se como problema “Qual a percepção da criança sobre turismo no seu espaço de vivência?”.

Para que o problema seja respondido, estabeleceram-se os objetivos da pesquisa. Dessa forma, tem-se como objetivo geral da pesquisa: “Analisar a percepção das crianças da EMR sobre os elementos do turismo no seu espaço de vivência” A partir desse, foram estabelecidos também os objetivos específicos:

- Identificar os elementos que caracterizam o turismo no espaço de vivência das crianças da comunidade de Barbados;

- Analisar a percepção das crianças da EMR sobre a sua participação no turismo;
- Desenvolver uma proposta de Educação para o Turismo para as crianças da EMR de Barbados.

A partir do problema da pesquisa, foram descritas algumas hipóteses as quais se orientava o estudo, são estas:

- As crianças percebem a atividade turística em seu espaço de vivência e participam ativamente desta;
- O turista é percebido pela criança como algo diferente, lhe despertando sentimentos de curiosidade, estranhamento, instigando-lhe a compartilhar com este, a sua maneira, um pouco de seu espaço vivência;
- O turismo apesar de ser uma atividade presente no espaço de vivência das crianças da EMR de Barbados, não é um tema abordado na escola de maneira interdisciplinar ao programa curricular.

Com a finalidade de responder ao problema proposto, estruturou-se a pesquisa com referencial teórico e procedimentos metodológicos que balisaram a pesquisa aplicada em campo.

No referencial teórico, foram abordados assuntos pertinentes aos eixos temáticos propostos, sendo eles o Turismo Comunitário e Desenvolvimento Local; Percepção e a criança como sujeito da pesquisa; Educação e desenvolvimento e Educação para o turismo; caracterização do campo da pesquisa, a Vila de Barbados, o turismo no local.

Na metodologia, é descrita a natureza da pesquisa como qualitativa e detalhamento dos métodos e procedimentos técnicos assumidos na pesquisa empírica que foram os mapas mentais e observação participante questionando as crianças sobre “O que o turista faz em Barbados?”.

A partir dos dados coletados foi aplicada metodologia de análise dos mapas mentais a fim de compreender a percepção das crianças sobre a atividade do turismo em sua comunidade e no intento de descobrir elementos que remetessem ao turismo comunitário nas representações simbólicas destas.

Diante os resultados alcançados na pesquisa empírica, foi possível acessar um universo rico em símbolos e curiosidades que compõem o imaginário e espaço de vivência percebido pela crianças e neste, identificar a oportunidade para

proposição de projeto em turismo aliado aos recursos didáticos e audiovisual através da abordagem da atividade turística. *Desvendando minha comunidade*, é o projeto proposto ao fim desta pesquisa, direcionado a elaboração de material didático de vídeo junto as crianças em um processo investigativo sobre potenciais atrativos do turismo comunitário. Este projeto tem por finalidade a valorização das crianças enquanto atores sociais ativos no desenvolvimento de sua comunidade; o fortalecimento e valorização do espaço de vivência, memória e cultura local; bem como, propõe-se expor através do olhar das crianças a potencialidade de diversificação da oferta de experiências ao turista que visita Barbados.

## 2 TURISMO COMUNITÁRIO

O turismo caracteriza-se como uma atividade humana, que se dá num determinado espaço e tempo, a partir de deslocamento voluntário de pessoas ou grupos motivados por diferentes fatores e exercendo atividades não-remuneradas nos destinos. É uma atividade de mercado, logo de forte apelo econômico, porém quando se compreende as relações que lhe são indissociáveis, amplia-se a compreensão sobre a atividade às interações culturais e sociais, sendo abordado então como fenômeno social (DE LA TORRE, 1997).

A atividade turística conforma-se no conjunto de serviços ofertados para atender às necessidades de viajantes que se deslocam de sua cidade de origem a um determinado destino e lá permanecem pelas diversas motivações, como férias, lazer, esportes, etc. (BENI, 1998). Visto como atividade econômica apresenta-se como potente propulsor de efeitos - diretos e indiretos, desde a geração de emprego e renda à dinamização da economia e investimentos públicos revertidos da arrecadação de impostos. Por tais características, a atividade compõe-se como forte chamariz ao desenvolvimento econômico, ou ao crescimento econômico<sup>1</sup> de um destino, desde que permeada do valor humano nas relações sociais, ambientais e até mesmo políticas decorrentes dos deslocamentos que caracterizam a atividade, para além dos serviços prestados em troca comercial (LEMOS, 2005).

Como expõe Barreto (1997, p. 89), até os anos de 1970, boa parte dos estudos sobre a atividade estava fundamentada nas ciências econômicas, em uma visão “praticamente messiânica” difundida por vários autores, que ressaltavam os benefícios econômicos, culturais e psicofísicos gerados pela prática do turismo. Já nos anos 1990, em uma outra visão Acerenza<sup>2</sup> (1991 apud BARRETO, 1997) refere-se à condicional de que sim, o turismo contribui ao incremento na qualidade de vida das populações – inclusive à economia, desde que estas tenham as condições mínimas de subsistência asseguradas (saúde, moradia, educação etc.). Segundo Wahab (1991), turismo condiz à atividade humana intencional que serve como meio

---

<sup>1</sup> Crescimento econômico, conforme se refere Lemos (2005), representa o aumento da capacidade produtiva, sendo mensurada comumente pelo incremento do Produto Interno Bruto – PIB.

<sup>2</sup> ACERENZA, M. A., **Administracion del Turismo**. 4ª ed. Cidade do México: Trillas, 1991.

de interação entre povos, cujo produto turístico é o composto de base cultural com herança histórica, meio-ambiente diverso, belezas naturais, hospitalidade. (WAHAB, 1991).

Neste raciocínio Moesch<sup>3</sup> (2002, apud ANDRADE, OLIVEIRA, MAGANHOTTO, 2011) mais amplamente conceitua que o turismo é:

[...] uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/ subjetividade[...].

De maneira a facilitar a compreensão deste complexo fenômeno e com a finalidade de corroborar com o processo de planejamento<sup>4</sup> da atividade, Beni (1998) aborda à atividade turística como Sistema de Turismo – SISTUR através da Teoria dos Sistemas, o qual ilustra a interdependência da atividade com outros setores. O SISTUR abrange os fatores que motivam o deslocamento dos turistas e também aquilo que esses demandam no período em que visitam a um destino. Beni (1998) aborda quatro principais variáveis a serem consideradas no planejamento da atividade turística: a) patrimônio turístico – os atrativos que representam a maior motivação das viagens; b) aparato turístico – os equipamentos e instalações destinados ao uso do turista, como serviços de hospedagem; c) infraestrutura de apoio ao turismo – serviços básicos de infraestrutura do destino, como o saneamento; d) superestrutura – tratando da esfera das instituições, públicas e privadas, que atuam no planejamento, organização e execução da atividade nos destinos.

Esta abordagem sistêmica da atividade permite vislumbrá-la em sua complexidade, não como um fim em si, mas como atividade interdisciplinar, que depende e influi em diversos outros setores da sociedade, assim como áreas do saber e, portanto, necessita de visão holística e integrada para que o processo do planejamento se dê em maneira a minimizar os impactos negativos que ela gera nos

---

<sup>3</sup> MOESCH, M. M., **Produção do saber turístico**, São Paulo: Contexto, 2002.

<sup>4</sup> Hall (2001 apud BENI, 1998) “[...] o antigo planejamento preocupava-se em descrever detalhadamente da situação futura desejada, em função de padrões de uso do solo. Nesse processo integrado ou novo planejamento, a ênfase recai na observação de possíveis consequências de políticas ambientais, sociais e econômicas alternativas, para, somente então, avaliando-as em comparação com os objetivos, escolher as medidas preferidas e os processos adequados.”

destinos, tais como conflitos sociais, desvalorização da cultura e desgaste ambiental, ao mesmo tempo em que há possibilidade de otimizar os benefícios. Fazendo-se necessário, primeiramente, dissociar a validação do turismo pelo conceito meramente quantitativo do crescimento econômico e passar a encará-lo sob a perspectiva qualitativa do desenvolvimento, em que a economia deixa de ser o cerne e torna-se uma condição necessária do desenvolvimento. (LEMOS, 2005; CORIOLANO, 2003)

Coriolano (2003, p. 162) conceitua o desenvolvimento como:

[...] um processo de produção de riqueza com partilha e distribuição com equidade, conforme as necessidades das pessoas, ou seja, com justiça. O desenvolvimento não se refere apenas à economia, ao contrário, a economia deve ser tomada em função do desenvolvimento. Um dos maiores desafios da sociedade atual é promover o desenvolvimento centrado no homem. Pensar esse tipo de desenvolvimento pode ser aparentemente simples, mas encerra uma revolução de idéias e práticas sociais, que passam a orientar as pessoas e as organizações para a produção e o consumo partilhados.

A importância de se pensar o desenvolvimento centrado no homem expande-se da concepção de desenvolvimento pela acumulação materialista orientado à modernização e aos modelos globais, a um pensamento mais local que compõe o conceito de desenvolvimento endógeno (CORIOLANO, 2003). Reiterada na perspectiva humanista de Krippendorf (2001) quando este coloca que qualquer evolução deve orientar-se ao desenvolvimento do ser humano, não dos bens materiais, inclusive ao que se refere ao turismo.

No âmbito regional e local do desenvolvimento, Beni (1998, p.16) afirma que este desencadeia “um processo de reconstrução/ reapropriação de determinado território, entendido como espaço apropriado.”. Contudo, atenta para que este processo não se sustenta de maneira autêntica na ordem econômica vigente, uma vez que esta que compreende os territórios sob a racionalidade econômica em demérito à ambiental e social. Para tanto, sugere-se a inclusão do termo *endogeinização*, sendo tratado como “[...] um processo de origem local que contempla as necessidades e aspirações da coletividade regional, resultante de uma sólida e ativa consciência de territorialidade.” (BENI, 1998, p. 17).

Cruz (2009) aponta que a diferente abordagem dada ao desenvolvimento local remete sua demarcação a um território e a uma sociedade que nele vive, ou seja, ao associar o desenvolvimento ao território e sociedade específica expande-se

sua concepção aquilo que caracteriza este local, as diferenciações. É um modelo que propõe rompimento com a mecânica imitação de padrões de um país mais industrializado (desenvolvido) pelo menos industrializado (subdesenvolvido), prezando para que as iniciativas sejam oriundas da combinação da cultura e recursos locais do território (CORIOLANO, 2003). Parte do princípio da autonomia das populações frente ao desenvolvimento que se quer, não que haja a auto-suficiência política, mas de maneira a “preservar identidade local que se concilia com estruturas políticas, institucionais e culturais mais amplas” (FERNADES; SAMPAIO, 2006, p. 5). É um “processo socializante” em que os atores locais são protagonistas e gestores de seus recursos de tempo e espaço, voltando-se para a ação de desenvolvimento com formação de agentes políticos que atuam na superação das limitações nas escolhas e oportunidades pessoais e comunitárias. (CRUZ, 2009; BURSZTYN, BARTHOLO, DELAMARO, 2009).

O desenvolvimento local ou endógeno é visto por fim como um processo reativador e dinamizador socioeconômico, a partir dos recursos locais disponíveis de determinada comunidade, para que esta possa gerir-se para além do crescimento econômico, mas orientada ao incremento da qualidade de vida, considerando nisto a preservação de seu meio.

Na atividade turística da mesma forma, a comunidade deve decidir que tipo de turismo pretende desenvolver, definindo caminhos, objetivos, mecanismos e instrumentos para tal, e quais os elementos está disposta a negociar (BARTHOLO, 2011). A este sentido, Irving (2009) coloca que, lidando com cenário posto da globalização, é necessário centrar-se em alternativas que incorporem ao turismo a variável local e as identidades envolvidas como cerne do processo de planejamento. Objetivo este que só terá sua possibilidade a partir do momento em que as comunidades receptoras, locais ao destino, forem inseridas neste processo, não como objeto e sim como sujeitos, detentores de protagonismo social<sup>5</sup> (IRVING, 2009).

Estimula-se assim a discussão acerca do turismo comunitário, ou de base comunitária, e a indispensável compreensão da realidade local, uma vez que esta modalidade na atividade turística tem como principais “atrativos” os modos de vida,

---

<sup>5</sup> “O protagonismo social resulta do sentimento de pertencimento e de poder de influência sobre os processos de decisão, e só pode ser expresso plenamente quando o ator social se reconhece como agente do processo de construção da realidade e da dinâmica de desenvolvimento” (IRVING, 2009, p. 112)

de produção e saberes de uma determinada comunidade, cujo acesso requer da predisposição dos atores locais em estabelecer um vínculo com os turistas/visitantes, que por sua vez, estão predispostos a vivenciar uma experiência genuína. Como trazem Sampaio, Lesama, Araújo e Medez (2012) o turismo comunitário conforma-se não apenas como um segmento de mercado, mas essencialmente como uma maneira de se propor a atividade turística pela comunidade aos visitantes, uma

[...] estratégia de sobrevivência e comunicação social de conservação dos modos de vida e preservação da biodiversidade, organizado associativamente em territórios, como arranjos socioprodutivo e político de base comunitária. (SAMPAIO; LESAMA; ARAUJO; MENDEZ, p.27, 2012).

Nestes tempos em que a temática da inclusão social ganha força, nacional e internacionalmente, o turismo passa a ser encarado como alternativa e encontra no turismo comunitário perspectivas viáveis para esta relação. (IRVING, 2009; BURSZTYN, 2005)

Irving (2009, p. 111), em proposta a oxigenação sobre a concepção do turismo comunitário

[...] o turismo de base comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo. Neste caso, o sentido de comunitário transcende a perspectiva clássica das “comunidades de baixa renda” ou “comunidades tradicionais” para alcançar o sentido de *comum*, de *coletivo*. O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento.

A este olhar, a percepção sobre a iniciativa do turismo comunitário, antes de quaisquer abordagem estereotipada da relação entre comunidade receptoras menos favorecidos e os visitantes ávidos por experiências autênticas, significa o encontro e oportunidade de compartilhar, a convivencialidade<sup>6</sup>.

O turismo comunitário faz-se construir em comunidades nas quais se encontram grupos sociais determinados e conscientes, de convívio baseado na cooperação, solidariedade e confiança e que, estabelecem com seu território uma

---

<sup>6</sup> Considera-se convivencialidade a relação estabelecida no encontro de diferentes culturas a partir da alteridade para com o diferente, respeitando e se interessando pelos modos de vida que são inerentes a determinado grupo (HENRIQUEZ; MANSUR; DIAS, 2012).

relação cotidiana de interdependência material e simbólica. (CORIOLANO *et al*, 2009; IRVING, 2009)

Algumas premissas centrais ao turismo comunitário, apontadas por Irving (2009) são: a base endógena da iniciativa e desenvolvimento local; a participação e protagonismo social no processo dos projetos turísticos; etapa lenta, mas fundamental para a sustentabilidade das iniciativas de turismo comunitário, garantia da ética de conservação do patrimônio natural e cultural, o empoderamento<sup>7</sup>; a escala limitada e impactos sociais e ambientais, essencial definida a partir dos recursos locais disponíveis, potencialidades e restrições; a geração de benefícios diretos à população local; a afirmação cultural e interculturalidade, não relacionado à conformação do produto de mercado, mas à afirmação de identidades e pertencimento endógenas à população envolvida; o encontro, condição essencial, ato de compartilhar mútuo aprendizado.

Dessa forma que o turismo comunitário, dispõe-se como possível colaborador no processo de desenvolvimento endógeno, por sua dinâmica requerer organização social de base, por auxiliar no fortalecimento da cultura local e identificação com o território, e por se desenrolar a partir da tomada de decisão das próprias comunidades em seus território. (MALDONADO, 2009).

Premissa importante ao presente trabalho é a participação e protagonismo social no processo dos projetos turísticos, ou ainda o empoderamento. Nas iniciativas de turismo comunitário, em sua maioria, há a participação e apoio de instituições externas fomentando a atividade, conquanto não havendo o protagonismo por parte dos residentes, a atividade se encerra nos momento em que estas instituições se ausentam (IRVING, 2009). Bartholo *et al* (2011), na produção do documento oficial Marco Referencial do Turismo de Base Comunitária, abordou diversas interseções do tema, entre eles o turismo comunitário e as relações de poder, nisto traz a tona a importante temática de que muitas vezes os agentes externos extenuam os benefício do turismo, no entanto, poucos são os esforços somados para que a comunidade protagonize as decisões e participe de todo o processo como protagonista.

---

<sup>7</sup> Do inglês *empowerment*. “Estar empoderado é ser autônomo, livre e capaz de influenciar nas decisões que afetam diretamente todos os seres, razão pela qual a participação e o empoderamento são conceitos que se coadunam, promovendo a democracia e a cidadania local.” (WUST; MARCANTONIO, p.16, 2014)

Conforme Blackstock<sup>8</sup> (2005, apud BARTHOLO, 2011) analisa, pouco é considerado a postura de imposição e condução destes agentes externos, de forma disfarçada, o desenrolar das atividades turísticas, segundo a autora a comunidade é “[...] é cooptada para apoiar o turismo através de uma ilusão de partilha de poder, mas ela não tem capacidade para rejeitar o turismo como opção para o desenvolvimento” (BLACKSTOCK, 2005, apud BARTHOLO, 2011, p. 9)

O desenvolvimento do turismo comunitário passa então, necessariamente, pelo aprimoramento dos processos educacionais no âmbito local que reconhecem no ser humano o protagonista de seu próprio processo de aprendizagem (BRASIL, 2011). Entra-se desta forma numa ampla seara que compõe a educação como crucial ao almejado desenvolvimento endógeno. Coriolano (2003) aponta que, considerando-se caminhos ao real desenvolvimento, a educação deve ser compreendida não apenas como um gasto público, mas como um meio de acesso ao desenvolvimento numa perspectiva libertadora do cidadão, não utilitarista e orientada apenas pela lógica de mercado.

Pelas populações, seus cotidianos e a relação intrínseca estabelecida entre cultura e espaço apropriado compoem-se o campo em que se viabiliza atividade de turismo comunitário, o tema educação pode ser abordado ao que extrapole apenas profissionalização da comunidade receptora no setor de prestação de serviços, como mão de obra para desempenhar o atendimento aos visitantes, à abordagem crítica sobre os efeitos da atividade turística no local.

A educação se propõe a incitar a compreensão e valorização dos espaços naturais, biodiversidade, culturas e modos de vida por parte das populações residentes, de maneira que estas se tornem mais ativas e participantes sobre o processo de desenvolvimento local, inclusive no âmbito do turismo.

## 2.1 ESPAÇO DE VIVÊNCIA E A PERCEPÇÃO: O OLHAR DA CRIANÇA

Nitsche (2007), em sua dissertação acerca da percepção da atividade turística dos moradores da região do “Caminhos do Guajuvira”, circuito de turismo rural no município de Araucária, Paraná, traz a contribuição acerca dos conceitos

---

<sup>8</sup> BLACKSTOCK, K. **A critical look at community based tourism**. Community Development Journal, volume 40, número 1, p. 39-49, 2005.

assumidos nesta pesquisa como a percepção dos indivíduos, o espaço vivido e o sentido de lugar.

O termo espaço vivido, ou ainda, mundo vivido é uma termo presente nos estudos da Geografia Cultural, sob o enfoque humanístico o qual soma aos estudos da geografia as subjetividades, os aspectos psicológicos e cognitivos da cultura e a percepção, valorizando as experiências, sentimentos (NITSCHE, 2007).

Sobre o mundo, ou espaço vivido, no entendimento de que este é permeado por valores, compartilhado, que extrapola o sentido do “mundo natural”, admitindo as subjetividades, inter-relacionando-se dando sentido de lugar que, para o geógrafo Tuan está atribuído ao vínculo do indivíduo ao meio ambiente, relação afetiva que este traduz no termo cunhado como ‘topofilia’, que intitula um de seus estudos. (NITSCHE, 2007; TUAN, 2012)

Tuan destaca que em definição ampla, a ‘topofilia’ remete a:

[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fulgaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 2012, p. 136)

A superfície da Terra, como afirma Tuan é variada. Assim a geografia física e modos de vida trazem muitas informações, no entanto, a percepção com que se avalia essa superfície é vasta. Segundo o autor, não é possível transitar e acessar toda e qualquer percepção, como no caso de outras espécies, pois os sentidos são outros. Conquanto, é possível sobre algum esforço, intentar adentrar o ‘mundo de outra pessoa’, ainda que com diferenças culturais. A percepção, é “uma atividade, um estender-se para o mundo” (TUAN, 2012, p. 30)

Existem para o autor alguns traços comuns à percepção dos indivíduos, como os sentidos, conquanto sejam diferentes as respostas aos estímulos gerados recorrentemente pelo mundo. Tuan expõem a combinação dos sentidos e as respostas adquiridas quando coloca o sentido ‘ver’ como objetivo, sem envolvimento de emoções, tornando o indivíduo expectador, a exemplo o autor traz que “podemos ver através da janela de um ônibus com ar-condicionado que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força somente

quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos” (TUAN, 2012, p.28). O ser humano capta percepção de mundo com o acesso simultâneo a todos os seus sentidos e a partir disso existem elementos que atuam sobre a mensagem captada, para a percepção, aspectos psicológicos comuns e individuais. Entre tais aspectos individuais a que está submetida a percepção, passam por diferenças fisiológicas, aptidão, gênero e idade. (TUAN, 2012)

Este último aspecto citado, idade, faz interesse a à pesquisa e porque não dizer que justifica os sujeitos da pesquisa, as crianças da Vila de Barbados.

É irrefutável a amplitude das respostas ao mundo, as percepções do meio, conforme os ciclos de vida do ser humano. Conforme Tuan (2012) é comum nas ciências sociais que seja considerado prisma da maturidade, do adulto ativo, e desconsidera-se outras fases que antecedem ou são posteriores a esta. Tuan (2012) aborda para além da maturidade quatro ciclos de vida: o infante; a criança pequena; a criança; e a velhice. Os dois primeiros estágios, na abordagem de Tuan, tratam-se de estágios de percepção bastante rasa, que faz pouca conexão com o mundo externo, ou ainda, que estas não concebem no espaço, como um ambiente analisável. Já a fase da criança, considerada pelo autor dos sete anos aos catorze, é a abertura deste pequeno indivíduo para o mundo, cujas impressões sensoriais são extremamente vivas, relação com o espaço a qual o adulto raramente conseguirá recapturar, é um mundo vívido, com frescor e riqueza de elementos (TUAN, 2012).

Neste ciclo da vida, a criança seria

[...] capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. Ela tem muito da habilidade conceitual do adulto. Pode ver a paisagem como um segmento da realidade “la de fora”, artisticamente alaranjado, mas também conhece como uma força, uma presença envolvente e penetrante. Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livres do hábito enraizado, negligente ao tempo, a criança está aberta para o mundo. (TUAN, 2012, p. 88)

Alguns estudos vem tratar sobre o desenvolvimento humano, a compreensão da criança como indivíduo e o processo de aprendizagem. Martins (2011), sua tese na área da educação, trabalha o tema da criança cigana e a instituição escolar. O pesquisador baseia-se na Teoria histórico-cultural, em principal na abordagem de Vygotsky, partindo da premissa para olhar para a criança cigana não como uma folha em branco, mas que desde o seu início de desenvolvimento,

como um indivíduo inserido em uma cultura, pela qual ela é afetada e observa o mundo. O aprendizado então precede o desenvolvimento, a criança está sempre aprendendo e, no caso dos grupos minoritários, lidando com os aspectos culturais que a cercam no ambiente em que se insere e a uma realidade maior a qual está também exposta, adaptando-se para viver. (MARTINS, 2011)

Sob esse prisma que considera a criança como um rico universo de percepções, um sujeito em desenvolvimento e também atuante em sua comunidade como indivíduo, que se instigou a buscar a percepção destas sobre a atividade do turismo na Vila de Barbados, aportados na instituição formal de ensino presente na comunidade para que então sejam descobertos elementos locais que possam ser extenuados em sala de aula a fim da educação para o turismo. Demartini (2002) ressalta sobre a pesquisa com crianças a importância do saber ouvi-las, em compreendendo-a em sua linguagem considerando a cultura em que está inserida e libertando-se da visão de supremacia dos adultos dominante sobre às crianças.

A percepção tem o sentido de apreensão de uma realidade acrescida de significado (OLIVEIRA<sup>9</sup>, 2002 apud SEEMAN, 2003, p. 4). Os estudos da percepção sobre o ambiente, encontram-se em uma vertente da geografia e que tem como um dos principais aportes metodológico os mapas mentais (KOZEL, 2006), os quais são abordados neste trabalho como técnica da pesquisa empírica e cabem ser tratados sobre sua relação com representação em desenhos das crianças, uma vez que o problema desta pesquisa refere-se a percepção das crianças. Conforme Nistche e Kozel (2006) afirmam, ao tratar de estudos da percepção é inevitável, não tocar no tema da cognição. Cognição entende-se como o mecanismo de aquisição e representação (KOZEL, 2006), o ato de conhecer.

Compreendendo um pouco a perspectiva da criança e sua compreensão de mundo, do seu espaço e mesmo a relação que esta traça do espaço com a vivência sociocultural nesse território, é possível embasar o presente estudo em relação a escolha dos sujeitos de pesquisa. Considerando-os detentores de percepção desse espaço de vivência e, dessa forma, sobre as atividades desempenhadas como o turismo.

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, L., **Ainda sobre a percepção, cognição e representação em geografia**. IN: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (orgs.). Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Editora UFPR, 2002, p.189-196.

### 3 ELEMENTOS DA EDUCAÇÃO PARA O TURISMO

A educação consiste em um tema bastante amplo que se diluí em todas as relações humanas. O indivíduo, enquanto ser uno e social, constrói-se em processos próprios permeados pela realidade cultural em que se insere. Go<sup>10</sup> (1996 apud CASTRO, 2008) coloca que a educação abrange a socialização, a aprendizagem da cultura e das habilidades funcionais para a produção social e econômica. Nesta visão humanística há o entendimento da educação como campo mediador da compreensão do indivíduo - uno, e do mesmo no meio em que vive - seu papel comunitário.

Freire (1997) coloca que a educação, ou ação de ensinar, não consiste apenas no transmitir o conhecimento, mas na possibilidade de também criá-los em comunhão, na relação: educador e educando. Assim, considerando ambos os saberes, o científico e o de vivência social. Conforme o autor defende, é desta forma – dialogando os saberes, que o indivíduo estaria apto a transformar a realidade ao seu redor. Brandão (2007) complementa que a educação guia o indivíduo ao desenvolvimento, ao adquirir conhecimentos de mundo que o tornam capaz de opinar e agir criticamente frente a acontecimentos e que o processo de aprendizagem pouco remete ao ambiente escolar em si. Por exemplo, em um regime tribal a educação é difusa, os educadores são os anciãos, as gerações passadas e os educandos são todos, em um ambiente de convívio.

A educação está vinculada à condução, certo controle sobre o processo de aprendizagem – métodos, crenças. Deste entendimento que surge a educação formal - aquela submetida à pedagogia (teoria da educação), a escola surge no intento de sistematização dos saberes. A educação torna-se então o ensino o qual determinará o método de transmissão de conhecimentos através de outras teorias. (BRANDÃO, 2007)

Demo (1988) ao abordar a temática da educação, a valida quanto ao seu papel de instrumentalizar a participação política. Critica que, a partir de uma tendência economicista, comumente vê-se a educação enfatizando seu caráter de preparação de recursos humanos e de aquisição de habilidades técnicas – treinamento. Nessas abordagens, segundo o autor, reduz-se a compreensão do

---

<sup>10</sup> GO, Frank; MONACHELLO, Mary; BAUM, Tom. **Human Resource Management in the Hospitality Industry**. New York: Hardcover, 1996.

indivíduo como um recurso que corrobora à produtividade de um sistema objetivando o desenvolvimento, enquanto o mesmo deveria ser visto como agente central do desenvolvimento.

Para Demo, em sua função política a educação “é condição precisamente necessária para desabrochar a cidadania, com vistas à formação do sujeito do desenvolvimento, num contexto de direitos e deveres” (DEMO, 1988, p. 52).

A partir dessas abordagens, traz-se a ideia da educação como instrumento à formação cidadã consciente e proativa para com o ambiente em que o indivíduo está inserido, fundamental ao desenvolvimento orientado para sustentabilidade, uma vez que por meio desta se pode conquistar a participação (DEMO, 1988). Corrobora-se então para um sistema democrático participativo, com cada qual compreendendo suas responsabilidades para com o meio em que vive; ao processo de planejamento participativo, que pautará as ações dos indivíduos para a finalidade da promoção do desenvolvimento local.

Em uma abrangência tão ampla da educação, qual seria então a conexão da área com o turismo? Quais os caminhos o turismo vem trilhando junto à educação? O que se considera: o indivíduo como recurso em prol da produtividade do sistema ou como agente de desenvolvimento da atividade turística?

O turismo enquanto somatória de prestação de serviços (hospedagem, restauração, agenciamento e outros) tem o caráter operacional em sua formação, conquanto o valor humano incutido em todo ato de prestar o serviço, diferencia a atividade turística das demais. Assim como Beni (1998), sistematiza a atividade, expondo suas interações e interdependências de fatores culturais, das relações socioeconômicas e meio ambiente, da mesma forma aponta os serviços em si. Portanto, ambos os sujeitos são importantes para o sucesso da atividade. Contudo vê-se com forte apelo à especialização e profissionalização – na educação em geral, não sendo diferente no setor do turismo. Fonseca Filho (2007) aborda então o educar em turismo, não como profissionalização, mas como instrumento de formação para indivíduos mais preparados para o mundo multicultural e globalizado em que se vive.

Fonseca Filho (2007) defende em seu estudo o turismo inserido na educação formal para o nível básico, ressaltando sobre a atividade que devido o seu caráter multidisciplinar, a educação em turismo pode ser desenvolvida abordando assuntos como cidadania, alteridade, sociabilidade, cultura, educação ambiental e

patrimonial. Sem demérito as funções inerentes a operacionalização da atividade, apenas cresce-se o potencial ainda pouco explorado da atividade enquanto componente de um sistema muito maior. (FONSECA FILHO, 2007)

Fortalece-se a conexão entre o turismo e educação com Morin (2000) ao que este traz da educação contemporânea condizente à formação holística do ser humano mediante desenvolvimento pessoal, de experiências e vivências, construindo novas visões de mundo. O turismo, assim, atua aproximando culturas; deslocamento a novos lugares; e as relações decorrentes do ato de viajar, que irão corroborar a uma formação holística do ser humano.

Manhães e Locatelli (2011) recorrem a uma das teorias da educação, o Construtivismo do século XX, herdada do pensamento iluminista e estimulada através dos estudos epistemológicos de Jean Piaget. As pesquisadoras trazem sobre a educação construtivista importantes elementos, tais como o “processo” – o conhecimento como algo não finito, que está em constante construção; e, mais uma vez abordam a “interação com o meio”, tanto físico quanto social, pois desta interação que o processo de aprendizagem/ construção do conhecimento se oxigena.

“[...] o Construtivismo afirma que as pessoas constroem seu conhecimento interagindo de forma ativa com o meio ambiente. Não se é, nem se pode ser um mero banco de memórias que absorve passivamente o que se vê, ouve, sente, toca ou lê, pois não é desse modo que se constrói conhecimento. [...] Na perspectiva turística, pode-se dizer que o conhecimento é construído com o auxílio das percepções e das informações que o viajante recebe ao longo das relações sociais que estabelece – e da interação com o meio.” (MANHÃES; LOCATELLI, 2011, p. 8)

Assim como apontado em relação aos viajantes, o processo de aprendizagem dá-se também com os moradores dos destinos receptores, os anfitriões. A atividade é contemporânea, ao passo que ela está ocorrendo, ela está gerando impactos e ela está gerando aprendizagem para os atores envolvidos. McKean<sup>11</sup> (1995 apud CASTRO, 2008) diz que o turismo é a manifestação do desejo de conhecer o outro, ao mesmo tempo em que é uma possibilidade de conhecer a si mesmo. Estendendo aos moradores dos destinos essa possibilidade de conhecer

---

<sup>11</sup> MCKEAN, P. F., **Toward a Theoretical Analysis of Tourism**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

tanto a si próprio quanto de reconhecer o lugar onde se vive - uma mudança no olhar.

Krippendorf (2001) defende que os autóctones<sup>12</sup> ao tomarem consciência do próprio valor, permitiriam também ao turista maior acesso à sua cultura. Neste ensejo, convergem-se os caminhos da educação, do turismo, da participação e do desenvolvimento da atividade numa perspectiva local.

[...] a população anfitriã deve ser envolvida no processo de desenvolvimento turístico, a esta fica incumbida a tarefa de se profissionalizar para atuar no mercado turístico, bem como ofertar um produto turístico com identidade, autenticidade, que seja valorizado pelos autóctones e para que estes sejam capazes de promover comportamento responsáveis que servirão de exemplo aos turistas que visitam a localidade. (FONSECA FILHO, 2007, p. 15)

Rebelo<sup>13</sup> (1998 apud FONSECA FILHO, 2007) concebe a educação turística como o processo educativo que almeja difundir o conhecimento acerca do turismo nos destinos turísticos, ou localidades com potencial para desenvolver a atividade. Esta educação pode se dar através dos meios: a) formal – de maneira institucionalizada, inserido como conteúdo programático; b) não- formal – palestras, cursos livres, oficinas; c) informal – através da convivência com o fenômeno turístico.

A educação para o turismo não tem como finalidade apenas receber bem o turista, mas também a formação de cidadãos conscientes do valor do patrimônio cultural e natural que atrai visitantes para a sua localidade, e conseqüentemente, o seu próprio valor humano. Camargo (2005), defende que ao atrelar-se o turismo e educação abre-se espaço para análise de valores sociais, ambientais, éticos e políticos. Educação, para o autor, enquanto “valor intrínseco ao ser humano, não pode ficar alheio ao debate sobre as atividade turísticas” (CAMARGO, 2005, p 53).

O valor humano é intrínseco também ao turismo comunitário, reconhecendo nos indivíduos e seus modos de expressão (produção, símbolos, hábitos) os seus maiores motivadores de demanda (SAMPAIO, COUTINHO, RODRIGUES, 2012), o que condiz ao extenuado por Sansolo e Bursztyn (2009) que o turismo comunitário se desenvolve como alternativa, de forma a valorizar e não substituir os modos de vida e técnicas de produção pela atividade turística, pois é nestes saberes que se

---

<sup>12</sup> Autóctones, diz-se da população residente dos destinos turísticos.

<sup>13</sup> REBELO, Salete M. **Plano Municipal de Educação Turística – P.M.E.T.** – Um modelo para os municípios brasileiros de potencial turístico. Universidad Pontificia de Salamanca. Extracto de la Tesis Doctoral. Facultad de Ciencias de la Educación. Salamanca, 1998.

conformam os atrativos ofertados ao público final na forma de vivências comunitárias. Torna-se indissociável do turismo comunitário, a hospitalidade que, segundo Bezerra (2007), é abordada diante duas vertentes, uma da escola francesa e uma segunda da escola americana. A primeira remete a Marcel Mauss (1974) com o “princípio do dom”, estabelecida entre anfitriões e hóspedes no sentido de dar-receber-retribuir, para esta abordagem, congregam-se as relações de troca para além da monetária. Outra abordagem relaciona-se ao conjunto de atividades, como receber, hospedar, alimentar e entreter, vinculando-se assim mais estreitamente às relações de troca monetária e prestação de serviços.

Nesta segunda abordagem apresentada pela autora, vê-se claramente a ligação com o turismo moderno, contudo a primeira abordagem remete aos anseios daquele que se considera como demanda do turismo comunitário, o qual busca pelo diferente, assume postura ativa, solidária e de proximidade com a comunidade visitada. (ZAUOAL, 2009; ZAMIGNAM & SAMPAIO, 2012; SAMPAIO, COUTINHO, RODRIGUES, 2012)

Neste sentido, a experiência relatada por Machado e Moraes (2010), de atividade de Turismo Pedagógico de Base Local no Bairro de Cabuçu, Guarulhos (SP) traz uma contribuição abrangente sobre a concepção da atividade educativa e o turismo como mobilizador social,

Não é turismo somente porque são vendidos deslocamentos físicos a lugares antes desconhecidos, mas sim porque promove, além do deslocamento físico, também o do olhar, da compreensão. Não é pedagógico porque se dedica ao envolvimento de crianças e jovens de escolas e faculdades. É porque educa à medida que proporciona situações nas quais os conflitos emergem a partir do encontro promovido pelo turismo. Não é formativo somente para quem visita, mas para quem recebe, uma vez que se busca o encontro e o diálogo entre visitante e visitado (encontro humano), e ainda porque, no processo de planejamento e gestão da atividade, os residentes também se formam (MACHADO; MORAES, 2010, p. 5)

O trabalho educativo junto à comunidade diante do fenômeno do turismo corrobora ao entendimento mais amplo da atividade expandindo esta compreensão para os benefícios da atividade, tanto econômicos, quanto na valorização dos usos e costumes locais. (FONSECA FILHO, 2007; CASTRO, 2008)

A esta pesquisa, a educação para o turismo interessa na perspectiva primeira da valorização dos elementos locais, modos de vida como os atrativos da

atividade turística trazidos ao contexto da sala de aula, entendido o turismo como em sua natureza interdisciplinar. Segundo Camargo, apesar desta natureza inerente, a atividade é comumente tratada de forma reducionista, enquanto a interdisciplinaridade é seu atributo. Turismo versa as mais várias áreas do conhecimento que já são tratados em escolas nos seus níveis mais básicos, como a linguística, geografia, história, matemática, ciências, educação física, entre outras (CAMARGO, 2005) entretanto, suprime-se o potencial pedagógico da atividade, até mesmo como meio de fomento ao engajamento social no processo de desenvolvimento do local.

Zuñiga, Vera, Skewes e Sampaio (2012) trazem que o turismo comunitário pode servir de arranjo pedagógico melhor qualificando a educação ambiental, utilizando-se, por exemplo, de trilhas interpretativas que aliam ambiente natural com ambiente construído. Segundo os autores, por este viés, a educação ambiental age criando

[...] uma convivência respeitosa entre culturas, no sentido filosófico de alteridade, no qual se possa compreender um modo de vida, de produção e de conhecimento melhor quando se passa a conhecê-los. Contrário à perspectiva da cultura dominante na ocasião que se propõe e atua como se tivesse muito a ensinar e que os dominados muito a aprender. (Idem, 2012, p. 114)

Conforme traz Azevedo (2002):

[...] todas as sociedades, dentro do limite de sua capacidade de processar informações, divisam as estratégias melhores para alcançar seus objetivos. [...] Tais registros levam a configurar uma área assemelhada a um núcleo denso, funcionando como uma zona protegida pela barreira psicológica de cada povo, [...] E uma outra, mais permeável, até mesmo acessível a receber influências externas, que representa o terreno em que as contribuições não descaracterizam aquele núcleo denso, mas ao contrário, podem enriquecer-lhe o perfil, como já acentuara Diop. (Idem, 2002, p. 172-173)

O que a autora vem a complementar nesta colocação é que estes são elementos que imprimem uma postura crítica em relação ao desenvolvimento por parte da comunidade, a complementaridade entre a zona protegida e a zona permeável às trocas de saberes e experiências. Azevedo (2002) sugere então que:

Mantido o respeito pelos valores centrais de uma determinada cultura, é possível promover a síntese desse potencial, e a ele irem se agregando, ou

até incorporando, inovações que em nada vão ferir a identidade cultural, mas podem ao contrário, imprimir-lhe novo sentido. Centram-se nessa dosagem a propriedade (ou não) do desenvolvimento e, por via indireta, a adequação de proposta de trabalhos e projetos, qualquer que seja a área. (Idem, 2002, p 173)

Referindo-se ao turismo, Azevedo traz a ideia de enraização de propostas turísticas à base local, através de ações educativas que extenuem a identidade e diversidade culturais perante a prática do turismo, propiciando também uma atividade de retorno econômico.

O viés que a autora aborda, traz que a proposta de enraização do turismo, através de ações educativas não consiste em um processo de curto prazo, pois ao se tratar de lidar com comunidade há que se compreender que o tempo se desenvolve de diferentes maneiras. Da mesma forma que todo o processo que envolve a educação como prática de reconhecimento do indivíduo enquanto agente de desenvolvimento não se dá senão por um processo lento, de longo prazo. (BRANDÃO, 2007; DEMO, 1988)

O intento da pesquisa em trabalhar sobre o olhar da criança em elementos que possam ser abordados como inerentes a cultura e realidade local, trazê-los ou ainda reforça-los em sala de aula e atividade além sala sobre uma nova abordagem, a Educação para o Turismo, vem ao encontro com as pesquisas bibliográficas aqui exploradas em que o turismo pode se conformar em um tema transversal na prática pedagógica, despertando múltiplas aprendizagens sobre o ambiente vivido por parte dos alunos que talvez passem despercebidas nos conteúdos curriculares programados a que respondem as EMRs do município de Guaraqueçaba, que correspondem aqueles da Base Nacional Comum: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, entre outras.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica no Campo do Paraná (2006), documento que destaca que é necessário um olhar diferenciado às comunidades do campo, admitindo os educandos dessas instituições como sujeitos do campo, que têm direito a uma educação em uma abordagem situada no seu meio, vinculada à cultura e às necessidades humanas e sociais do local. Como eixos temáticos que versam em possibilidades pedagógicas e o cotidiano das crianças as Diretrizes elegem: o trabalho, entendendo que a criança do campo participa ativamente das atividades produtivas junto a família e, dessa, forma, o trabalho é um eixo temático do saber; a cultura e identidade, entendida como toda a ação da comunidade no

espaço e assim a sua cultura, seu modo de vida; a interdependência campo-cidade, trazendo a questão de por conta dos processos históricos de êxodo, as cidades são vistas como a possibilidade do campo por questões de emprego, por exemplo, sugere-se a interdependência entre os ambientes, a cidade oferecendo a infraestrutura básica da qual carece o campo e o campo tudo aquilo que a cidade não tem mais - a água potável na natureza, é um dos exemplos entre tantos outros nesta problemática; a organização política, movimentos sociais e cidadania, é histórico aos povos do campo as mobilizações em reivindicações a direito por trabalho, por questões fundiárias, a presença de movimentos sociais, da luta, não pode ser esquecida como realidade vivenciada.

Como alternativas metodológicas das Diretrizes surge como referência a organização de saberes locais de maneira interdisciplinar, em uma primeira forma exposto como inseridos às disciplinas, ou então, em segunda forma, criando disciplinas. No caso da presente pesquisa, compreende-se no turismo uma atividade que possa ser abordada no interior das disciplinas, trazendo consigo elementos da localidade e interdisciplinares.

Para compreender qual a localidade a que se refere, o próximo capítulo abordará Barbados, buscando localiza-lo geograficamente, trazer para a discussão sobre a sua história e a atividade turística como se dá nesta comunidade. Abordando também a EMR local, as crianças que a frequentam e a professora da comunidade. Analisando este espaço de vivência ao qual as crianças estão inseridas, pontuando o que caracteriza o turismo no local, a fim de embasar a pesquisa referente a educação para o turismo em Barbados.

#### 4 VILA DE BARBADOS: ESPAÇO DE VIVÊNCIA E O TURISMO

Na região norte do Litoral do Paraná: Guaraqueçaba, município fundado em 1880 que possui 2.317.024 km<sup>2</sup> de área distribuídas em continente e ilhas oceânicas, entre elas a Ilha de Superagui, uma ilha artificialmente criada pela abertura do Canal do Varadouro construído no início do século XX com objetivo de ligar as baías de Paranaguá(Paraná) e Cananéia(São Paulo). A região que o município abrange, destaca-se por suas relevantes características ambientais no Estado do Paraná, apresentando notável número de UC, formando um verdadeiro mosaico, segundo Denardin<sup>14</sup> *et al* (2009, apud DUARTE, 2013) 98,76% do território do Município é coberto por áreas protegidas. O elevado valor frente ao patrimônio natural se contrasta ao quadro de subdesenvolvimento, consistindo em uma das regiões mais pobres do Paraná. A presença do bioma a que se destina tamanho esforço de preservação e conservação, é a Floresta Ombrófila Densa ou Floresta Atlântica, que apresenta maior diversidade biológica entre as florestas tropicais. (VIVEKANANDA, 2001). As restrições de uso que são inerentes das unidades de conservação, segundo Kinker<sup>15</sup> (2005 apud DUARTE, 2013) expõem a atividade do turismo para a região como uma das poucas alternativas de desenvolvimento local às comunidades inseridas na região.

Entre as UCs da região está o Parque Nacional (PARNA) do Superagui, criado em abril de 1989, pelo Decreto Federal 97.688 (BRASIL, 1989) e ampliado em novembro de 1997 pela Lei 9.513 (BRASIL, 1997), tendo como objetivos: a proteção de amostras de ecossistemas Floresta Atlântica, restinga, manguezais, praias e dunas, do litoral do Paraná; assegurar a preservação de seus recursos naturais; proporcionar oportunidades controladas para uso público e promover a educação ambiental e pesquisas científicas (VIVEKANANDA, 2001). O PARNA do Superagui abrange a Ilha das Peças, Ilha do Superagui, Ilha do Pinheiro e Ilha do Pinheirinho (COELHO, 2014).

No interior dos limites desta UC, Ilha de Superagui, está localizada a comunidade de Barbados, em frente a Baía de Pinheiros. A Ilha, tem ao todo seis vilas: Barra do Superagui, Barra do Ararapira, Canudal, Vila Fátima, Barbados e

---

<sup>14</sup> DENARDIN, Valdir *et al*. Farinha de mandioca no litoral paranaense: um produto com potencial agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2. P. 2420 – 2424. nov. 2009.

<sup>15</sup> KINKER, Sônia. **Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais**. Campinas: Papirus, 2005.

Saco do Morro. Sendo que, destas a única vila recortada fora dos limites do PARNA do Superagui é a Barra do Superagui, sendo está a maior entre as vilas da Ilha.

A Vila de Barbados tem 19 famílias na comunidades (COUTINHO; SAMPAIO; NITSCHKE, 2013), seu acesso é feito unicamente via náutica, no entanto, não há linha regular de Barcos. Sendo necessário partir da sede do município de Guaraqueçaba, a qual se pode acessar via rodoviária e marítima, e Barra do Superagui, acesso via mar, tais locais contam com linhas regulares de Onibus, no caso de Guaraqueçaba, e Barcos diários a partir de Paranaguá – maior município do Litoral do Paraná e principal ponto de acesso às Ilhas e às Comunidades do litoral Norte. A partir desses locais é necessário utilizar o fretamento de embarcações menores, como voadeiras ou bateiras para chegar à Barbados.

A Vila em relação a infraestrutura pública conta com escola, não há Posto de Saúde e o acesso a serviços públicos são realizados em outras vilas da região ou na sede do Município. Existem duas pequenas vendas, um Restaurante familiar para atender aos turistas e visitantes, local onde há também fábrica de farinha artesanal; um Espaço familiar para Restaurante para turistas e visitantes e onde também são realizados os bailes da comunidade; Espaço Cultural Guilherme Willian Michaud, feito pelo Programa de Voluntariado Paranaense (PROVOPAR) no ano de 2008, utilizado como Espaço da Cozinha Comunitária pelas mulheres organizadas da comunidade para atender turistas e visitantes. Os moradores estão organizados em uma Associação, que representa moradores das Comunidade de Barbados, do Saco do Morro – duas famílias e da Ilha dos Pinheiros – uma família. (COELHO, 2014; COUTINHO, 2012).

A seguir é apresentado mapa identificando os limites do ParNa do Superagui, identificando algumas das comunidades que nele estão inseridas e localidades de referência, como Ilha do Mel, Guaraqueçaba. Destaca-se a localização de Barbados no mapa.



FIGURA 1: VILA DE BARBADOS E OUTRAS COMUNIDADES NA REGIÃO DO PARNA SUPERAGUI. FONTE: COUTINHO, 2012.

Da história da região e populações encontram-se registros muito antigos, que caracterizam os traços culturais e modos de vida até hoje observados. Os primeiros sinais de presença humana na região são diagnosticados na presença de sítio arqueológicos, os sambaquis, do Tupi “monte de concha”, que evidenciam restos de alimentos, ferramentas rústicas e ossos humanos com mais de seis mil anos de idade, anteriores aos índios Carijós e Tupi-guaranis que também povoaram a região e então os europeus (VON BEHR, 1997; COUTINHO; SAMPAIO; RODRIGUES, 2012).

A região de Superagui por sua colonização suíça, destaca-se a história da Vila de Barbados o suíço William Michaud, que aportou na região em 1852 e fixou em Barbados morada, casou-se com uma nativa e deu início a sua família (LICHTSTEINER, 2008). Fato que marca raízes familiares das gerações atuais que podem ser identificadas em sobrenomes estrangeiros e trejeitos de feição resultantes da miscigenação, os caboclos, caiçaras. Na Vila podem ser visitadas as Ruínas da Casa do Michaud um dos atrativos locais. Michaud era pintor, retratou em aquarelas as primeiras imagens da região da Ilha do Superagui que enviava a seus

familiares na Suíça (LICHTSTEINER, 2008), algumas dessas obras podem ser visitadas no Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, Paraná, e no Museu de Vevey, na Suíça.

Para além das características físicas e nomes, essa miscigenação reflete em seus modos de vida, a relação com a natureza, modos de produção e outros saberes. São atuais as discussões acerca de identidades dos povos e comunidades tradicionais, a este estudo não se propoem tratar deste seara das categorias dos povos e comunidades tradicionais, no entanto duas dessas se fazem presentes na realidade cotidiana dos moradores das Vilas da região e em Barbados, a categoria caiçara representada nas populações que tradicionalmente habitam desde o litoral sul Rio de Janeiro ao litoral do Paraná nas regiões de floresta atlântica, o que influi uma forte relação com o mar, a pesca, a caça, o extrativismo e agricultura de subsistência (DIEGUES, 2004); e a categoria de pescadores artesanais, populações que realizam a captura, coleta ou extração de pescados com apetrechos e embarcações próprias, de maneira familiar, sem nenhum vínculo empregatício.

As práticas das comunidades tradicionais remetem a relações de conflitos com políticas de conservação, uma vez que essas comunidades estão presentes em sua maioria em áreas de proteção ambientais, como é o caso do PARNA do Superagui e a Vila de Barbados. A UC de proteção integral que conflitua com as comunidades presentes no interior de seus limites por conta das restrições das práticas tradicionais. Contudo seja visto na prática, o importante papel que a presença dessas comunidade tem na conservação da biodiversidade local, pois são as maiores interessadas na conservação, sendo seu modo de vida intrinsecamente ligado aos recursos naturais. Porém, politicamente estas ficam desvalidas, gerando então este contemporâneo conflito com diversos focos no território brasileiro.

As categorias de Povos e Comunidades Tradicionais são cunhadas no Decreto 60.40, de 2007 (BRASIL, 2007), que define a Política Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) O Decreto objetiva definir e resguardar o manutenção das condições de vida dessas comunidades, uma vez que indentifica-se que são populações com lógicas de organização diferenciadas e que têm no vínculo com o seu território e a utilização renovável dos recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

É válido indicar sobre a categorização de comunidades tradicionais, uma vez que em boa parte dos trabalhos que se referem ao Turismo Comunitário, fazem menção ao locus das iniciativas como Populações Tradicionais, fato que tem grande relevância, já que o atrativo deste segmento são os modos de vida, que vinculam-se a práticas características do modo de vida destas comunidades, também sendo o segmento proposto como alternativa para dinamizar a economia e ainda um meio de comunicação de populações com organização social diferenciada a um mundo globalizado. Conquanto, neste trabalho, opta-se por não assumir de forma política a categorização de Barbados nem como caiçara, nem de pescadores artesanais. Uma vez que a categorização de uma comunidade e seu território, de forma política, parte do auto-reconhecimento desta como caiçara, quilombola, pescador artesanal, faxinal, ou outras categorias tantas.

Reconhece-se em Barbados um período de mobilização social, estimulada e assessorada por agentes externos frente aos conflitos da região e que colocam em questão este reconhecimento identitário político, sem que exista por parte da comunidade uma auto-denominação quanto a sua identidade tradicional.

Assume-se aqui a postura de pesquisa dos traços e elementos culturais observados como agente externa que desempenhou ações junto a comunidade de meados de 2009 a 2012 e até hoje mantém vivo o vínculo com os moradores do local.

Essa postura é assumida por conta de, no ano de 2013, quando pode acompanhar a realização de pesquisa acadêmica na Vila de Barbados. Pesquisa em que Coutinho (2013) aborda o turismo comunitário, explorando a potencialidade das vivências em Barbados. Tal trabalho resultou em um diagnóstico do turismo comunitário na Vila, as atividades foram representadas em um 'Mapa de Vivências' (Figuras 2 e 3) que indicam em ícones definidos em conjunto à comunidade as vivências que os turistas poderiam realizar no seu território.

Os mapas produzidos nesta pesquisa são apresentados abaixo, abordando as potencialidades do turismo de vicências na comunidade de Barbados.



FIGURA 2: MAPA REGIONAL DAS VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS EM BARBADOS  
 FONTE: COUTINHO, G. C. T.P.; KOTI, K.; 2013.



FIGURA 3: MAPA FOCAL DAS VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS EM BARBADOS  
 FONTE: COUTINHO, G. C. T.P.; KOTI, K., 2013.

Para entre as metodologias utilizadas pelo pesquisador, uma das que puderam ser acompanhadas por outros pesquisadores bem próximo foi a aplicação de questionários e entrevistas aos moradores, que inquiria por temas diversos, inclusive a identidade em que foi questionado como os entrevistados se auto-denominavam? Este momento, como é indicado na pesquisa de Coelho (2014), os moradores se reconheciam-se como caiçara, aquele que é nativo da Ilha, uma ligação ao passado e também como pescador artesanal, remetendo ao presente, como a sua atividade de trabalho. Observado isto, foi possível verificar o quão complexo é este tema, pois é permeado de subjetividades que misturam passado e presente e elementos quais apenas aqueles que vivenciam o espaço, o cotidiano de Barbados podem compreender e delimitar.

O senso de comunidade e tradição está enraizado nas práticas locais das famílias que ali residem, atrela-se ao sentimento de pertencimento, a segurança que se estabelece do indivíduo com o coletivo. Na interpretação, Barbados é uma comunidade, pois representa aos seus comunitários um “porto-seguro”, é o lugar que eles conhecem e, apesar das dificuldades, eles sabem resolvê-las, amenizá-las

dentro daquele espaço, mediante as relações estabelecidas entre os indivíduos, presentes aqui a idéia de solidariedade, reciprocidade. Utilizam-se dos recursos disponíveis no local, mas não unicamente. A tradição se representa nos modos de vida e práticas sociais, passados de gerações que não remetem a um conceito estagnado, mas sim dinâmico, tendo constantes influências da contemporaneidade e os intercâmbios culturais com visitantes, turistas ou mesmo familiares de outras vilas, cidades. É importante ressaltar que a Vila de Barbados, apesar do difícil acesso, não se trata de um local isolado, tão pouco parado no tempo do passado.

Os fluxos locais são vários, partem desde essa movimentação por parentesco às relações comerciais (COELHO, 2014). A pesca é a mais importante atividade local, atividade realizada preponderantemente pelos homens que utilizam-se das técnicas artesanais e instrumentos como as tarrafas, gerival, lanceio e espinhel (CULTIMAR, 2008). É através da atividade da pesca que a comunidade tem seu sustento assegurado, o extrativismo de pescados, ostras, camarão, caranguejo, quer seja para consumo, para comércio entre as vilas, a sede de Guaraqueçaba e também para o abastecimento cadeia do turismo próximas da localidade (pousadas e restaurantes) ou ao consumidor final: os próprios turistas. Barbados é bastante procurado na região pelo cultivo de Ostras e também a extração de Caranguejo, nos meses de novembro a março (COUTINHO; SAMPAIO; RODRIGUES, 2014).

O turismo acontece de forma sazonal, principalmente na alta temporada de verão e alguns feriados ao longo do ano, quando muitos turistas que estão na Barra de Superagui, Vila das Peças e Guaraqueçaba em sua rota para visitar a Ilha dos Pinheiros, dormitório natural dos Papagaios da Cara-Roxa (endêmicos da região), visitam Barbados para almoçar em um dos restaurantes citados e seguir em direção a Ilha para ver a revoada dos Papagaios que ocorre no final de tarde, quando estes retornam ao seu dormitório (COUTINHO; SAMPAIO; RODRIGUES, 2012).

Há também o turismo de segunda residência na Vila, mesmo sendo apenas uma casa de dono de fora da comunidade “turista”, ela existe e não é muito bem vista pelos moradores e gera pouco impacto positivo, apenas a contratação de pessoas da comunidade como caseiros – visto por alguns moradores como um ato de exploração, já que a renda é muito baixa e por outros como positiva sendo em alguns casos única fonte alternativa de renda. (DUARTE, 2013)

A primeira iniciativa de turismo comunitário em Barbados foi fomentada pelo Projeto Bagagem<sup>16</sup>. A Vila foi a única que chegou a receber grupos com pernoite, dada identificação de potencial para este segmento, foram dois grupos, entre eles o Grupo de Graduandos do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná, em atividade de aula de campo na disciplina de Turismo Rural, em 2010. A falta de recursos fez com que o projeto não tivesse continuidade por meio da ONG. Identificada a hospitalidade inerente à comunidade e a predisposição a receber grupos de visitantes e turistas e compartilhar com estes seus modos de vida como atividades de ‘vivências’, em 2011 nasce proposta por um grupo de pesquisadores, a Casa de Cultura Caiçara de Barbados, com finalidade de valorização e fortalecimento cultural e entre as ações propostas, o turismo comunitário era destacado como alternativa econômica e resgate cultural. (COUTINHO, SAMPAIO, RODRIGUES, 2012)

Em função da iniciativa da Casa de Cultura com o turismo comunitário, foi realizada a viagem com um grupo, em um feriado prolongado de 07 de setembro do ano de 2011, em que foram realizadas vivências selecionadas pela comunidade junto com o grupo de turistas que passaram 3 noites na Vila, cada pessoa do grupo ficou na casa de uma família residente, o que estreita o vínculo e permite, de certa forma, que cada um dos viajantes tenha ainda que em um roteiro de grupo, uma experiência total de viagem particular.

Alguns destaques na experiência, foi a organização da comunidade em apresentar nas vivências um pouco de si aos visitantes, convidando-os a conhecer e, para além, aprender algo novo junto com os moradores. Outra questão, foi o esforço no bem receber que extrapolava a prestação de serviços, que foi a produção de licor com ervas aromáticas locais oferecido ao grupo e apresentado contextualizando tradicionalmente o significado daquele licor, isso indicou uma pesquisa entre os elementos culturais daquilo que poderia ser interessante aos visitantes por parte unicamente dos moradores, sem a intervenção dos agentes externos/ facilitadores da Casa de Cultura. E ainda um baile com tradicional Fandango<sup>17</sup> de despedida para o grupo de visitantes em que a maioria dos

---

<sup>16</sup> ONG Associação Projeto Bagagem de apoio e fomento ao Turismo Comunitário no território Nacional. (Disponível em: [www.projetobagagem.org](http://www.projetobagagem.org))

<sup>17</sup> Vale saber que a manifestação cultural do Fandango é característica da Cultura Caiçara, esteve tradicionalmente vinculada a prática dos “mutirões” em que as famílias e comunidades vizinhas se organizavam coletivamente para trabalhar nos roçados – plantio, colheita. Os bailes de Fandango

moradores participou. Reafirmando o turismo comunitário como força de coesão comunitária e também alternativa de incremento à renda, uma atividade que eleva a autoestima através da valorização da cultura. (COUTINHO; RODRIGUES, 2011)

Embora o potencial identificado, a predisposição de envolvimento da comunidade, a iniciativa também não teve continuidade. Desta experiência, originou-se uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná, uma das viajantes do grupo estreitou seu vínculo com a comunidade posterior a viagem e desenvolveu a etnografia de Barbados, nesta pesquisa Coelho (2014) dedica um subcapítulo ao turismo comunitário, fazendo menção a experiência que a levou para os primeiros contatos com a região. Coelho, em seu olhar, não se aprofunda ao tema da atividade do turismo em si, até por não ser sua proposta, mas de sua análise surge um importante indicativo, que é a relação que se estabelecem entre as comunidades e os agentes externos. Durante a etnografia realizada entre os anos de 2012 a 2014, a autora expõe que se deparou com outras iniciativas que utilizam o turismo como alternativa para as comunidades, mas que como aquela que a havia levado a região, não tinham continuidade, pois em sua maioria, representavam proposta de pessoas de fora para contribuir em melhorias para comunidade, adquirindo um caráter assistencialista. (COELHO, 2014)

Outra contribuição vem da Dissertação de Duarte (2013) “Argonautas do Superagui: Identidade, Território e Conflito em um Parque Nacional Brasileiro”, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade Estadual de Santa Catarina. A pesquisa trata essencialmente dos conflitos territoriais gerados por conta do PARNA do Superagui, entre uma das questões a autora não deixou de tratar sobre o paradigma do turismo como alternativa econômica na Vila de Barbados e sua visão é de grande valia, primeiramente por ser atual e também por ao utilizar-se de método etnográfico com observação participante e algumas entrevistas semi-estruturadas. Duarte (2013) em sua dissertação apresenta alguns comentários dos

---

eram oferecidos pelos anfitriões como paga pela ajuda recebida junto a farta comida e bebida. (CULTIMAR, 2009) Nos dias atuais, com as leis ambientais que restringem a roça, um dos costumes que foi se perdendo no tempo foram os mutirões e, conseqüentemente, os bailes de fandango, os quais são encontrados em lugares específicos e nos moldes de apresentações, em principal, para turistas e visitantes. É pouca a participação das comunidades no Fandango, cabe aos Mestres Fandangueiros da região salvaguardar esta tradição, contudo este tem idades avançadas e com o pouco envolvimento e interesse dos jovens da região em aprender esta manifestação, o Fandango enfrenta tempos difíceis. Recentemente foi tombado pelo IPHAN como Patrimônio Cultural, 2014.

moradores locais acerca da atividade turística, indica que há um na comunidade concepções distintas das formas de turismo, como ao ver dos moradores os 'turistas maus' e 'turistas bons'.

Os 'turistas maus', são representados pelos moradores como aqueles que têm casa na comunidade e há algumas reclamações também acerca dos turistas que vem da Barra do Superagui nos meses de verão, visto por alguns moradores como um fluxo bastante comercial, bom, pois representa uma renda extra, no entanto se aumenta muito tal tipo de visitante, perde-se a 'alegria de receber visitas' como uma das falas de moradora destacada por Duarte (2013). Os bons turistas, por sua vez, seriam aqueles que veem pelas iniciativas do turismo comunitário, ainda que com muitas ressalvas sobre o que vem a ser comunitário em algumas visões de moradores da região, que compreendem que estas têm a participação da comunidade, entretanto, as ações estão ligadas trabalhos de agentes externos. Sem o trabalho destes, o turismo comunitário não acontece (DUARTE, 2013).

Ainda nestas ressalvas, a autora expõe:

[...] o turismo comunitário tem sido uma das ferramentas que propicia a valorização de práticas tradicionais que não eram mais desenvolvidas ou que ocorriam com pouca frequência, como a utilização das farinheiras e a produção de bebidas tradicionais, como o licor feito especialmente para as ocasiões em que havia trabalhos de mutirões. A partir das vivências culturais, os moradores demonstram e permitem a participação dos visitantes em atividades como a confecção de redes e apetrechos de pesca em geral, na pesca, nas remadas nas canoas de pau único, na elaboração de pratos típicos, no uso das farinheiras, entre outros. (DUARTE, p 125, 2013)

Coutinho, Sampaio e Rodrigues (2014), em pesquisa acerca do turismo comunitário e os potenciais atrativos na comunidade de Barbados levantaram vertentes possíveis a dinamização da atividade turística no local inclinada ao segmento. Entre elas destacaram-se os saberes e modos de vida na comunidade. A pesquisa fez uso de grupo focal com informantes-chave<sup>18</sup> de Barbados para o referido levantamento e pode investigar potencialidades para o turismo nas linhas das atividades da: *pesca; agricultura; artesanato; terapias alternativas/ ervas medicinais e a oralidade; festas populares; e hospitalidade*. Nestas linhas identificadas, foram relacionados potenciais atividades ao turismo comunitário em

---

<sup>18</sup> Segundo Seixas (2005), informantes-chave são pessoas capazes de informar sobre um tópico especial, ou de fornecer pontos de vista particulares.

Barbados, através das vivências que seriam da pesca artesanal e a extração de ostras; extração da mandioca da terra e a fabricação artesanal da farinha; fabricação de artesanato com cipó-imbé; festividades locais; relatos de histórias tradicionais, transmitidos pela oralidade; sabedoria das ervas medicinais; fandango; mutirões comunitários; trilhas para ruínas históricas do Michaud e gastronomia típica (COUTINHO; SAMPAIO; RODRIGUES, 2014). Tal pesquisa realizada entre adultos e gerações mais velhas indicou potencialidades locais inerentes as práticas socioculturais da comunidade.

Por que são válidas estas referências e observações dos trabalhos relacionados anteriormente na comunidade de Barbados a presente pesquisa? Pois nestas observações, remete-se alguns dos pontos fracos do turismo comunitário a: dificuldade das propostas em ter não apenas uma comunidade envolvida, mas uma comunidade protagonista; sobre as potencialidades ao turismo comunitário e as vivências ser de estímulo de agentes externos; e por último, o fato de esta reflexão estar associada aos mais velhos, sendo um diálogo a que talvez as crianças não tenham acesso representativo, nem à reflexão de uma atividade que influencia diretamente em seu cotidiano.

Recai-se, nestes apontamentos, no que é exposto por Bartholo (2011) entre o turismo comunitário e as relações de poder, como essas comunidades são inseridas no turismo? Qual é seu real poder de decisão sobre o desenvolvimento do turismo? Quanto dos caminhos trilhados ao desenvolvimento da atividade turística de base comunitária são feitos pela condução de agentes externos? E quais são os atores locais (mais velhos, mulheres, crianças) a que se dirigem os esforços de participação nas iniciativas de turismo comunitário?

Alguns recentes trabalhos científicos que abordaram a Comunidade de Barbados como objeto de estudo e fizeram parte das fontes consideradas a este estudo, algumas delas abordando também o turismo no local apresentadas sinteticamente no quadro abaixo:

<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TIPO</b>	<b>ASSUNTO</b>
2011	KASHIWAGI	Tese	Homonímias signicas da paisagem de Barbados, são signos comuns representados por grupos diferentes os quais atribuem significados diferentes às representações. A pesquisadora utilizou mapas mentais para captar a percepção de três grupos distintos: poder público, moradores de Barbados e turistas, a homonímia identificada pela autora foi 'casa'.

2013	COUTINHO	Trabalho de Conclusão de Curso	Realizado diagnóstico da atividade do turismo comunitário em Barbados. O autor propõe projeto para o turismo na localidade, sugerindo linhas de ação com finalidade a mobilização do moradores para estruturar uma iniciativa de turismo comunitário. Entre sugestões estão a criação de um receptivo local para o turismo; capacitações para o turismo; fortalecimento da cultura; e divulgação do turismo comunitário.
2013	DUARTE	Dissertação	Investiga os conflitos decorrentes da instituição do ParNa do Superagui e o território tradicional de Barbados. A pesquisadora aborda essencialmente o conflito territorial gerado pelas sobreposições de interesses, restrições ambientais e o desejo dos moradores ao livre acesso aos recursos naturais para reprodução cultural e econômica. Em sua pesquisa, Duarte aborda o turismo como um paradigma na região, sendo abordado como uma das únicas alternativas econômicas.
2014	COELHO	Dissertação	Busca compreender as relações e articulações presentes na região. Em abordagem etnográfica a partir da visão dos moradores de Barbados, a pesquisadora transita por temas como os conflitos socioambientais, as relações de parentesco e os fluxos inter-comunidades, a presença de agentes externos e postura dos moradores com estes em relação as mais diversas temáticas, entre elas o turismo comunitário.

QUADRO 1: TRABALHOS CIENTÍFICOS RECENTES COM *LOCUS* EM BARBADOS. FONTE: A Autora, 2015.

Esta pesquisa abordando a atividade do turismo à educação, com local a Vila de Barbados, nasce destes tipos de questionamentos. Participante do referido grupo de pesquisadores da Casa de Cultura, acredita-se que para a Vila de Barbados a atividade turística já é uma realidade, em seus moldes convencionais e que, o turismo comunitário tem potencial - como é proposto em mapa turístico de vivências por Coutinho (2013), é uma atividade que teve apreciação e envolvimento de praticamente todos os moradores em todas as suas edições – tanto os grupos do Projeto Bagagem quanto da Casa de Cultura. Entretanto, a comunidade se coloca passiva às iniciativas do turismo, sendo tais iniciativas operantes enquanto há presença de agentes externos. É possível que a mesma identifique na atividade amplamente, apenas em seu valor financeiro, desassociando as visitas de grupos do turismo comunitário, do fluxo de pessoas que visita a comunidade fora destes grupos durante as temporadas. A isso, cabe a problematização sobre a atividade turística, um pensar crítico, e na proposta de uma educação para o turismo junto a Escola de Barbados, vê-se nas crianças um ponto de partida para criação de espaços de diálogo entre o turismo e a comunidade.

#### 4.1 ESCOLA MUNICIPAL RURAL DE BARBADOS

Como indicado anteriormente, Barbados conta com uma unidade Escolar, aqui indicada como EMR, esta unidade oferece na comunidade as primeiras séries da Educação Fundamental, da 1ª a 4ª, de forma multiseriada. A Escola cumpre, com o papel indicado pelos Órgãos competentes quanto ao seu papel dos primeiros aprendizados e alfabetização da crianças. (SEED/PR, 2006)

Nesta instituição, que compõe o que pode-se identificar como única de infraestrutura pública na Vila, temos um dos únicos vínculos empregatícios de pessoas da comunidade, a Professora da Instituição. São 11 alunos tutelados a ela, entre seus 6 -7 anos aos 10 -12 anos, os alunos que frequentam a EMR de Barbados são em maioria moradores da própria Vila, mas também são atendidos nela as crianças da comunidade de Saco do Morro<sup>19</sup>.

Sobre a Professora, é interessante destacar sua trajetória em seus trabalhos. A mesma é nascida e criada dentro da Vila de Barbados e há anos é responsável pela condução nas aulas da Escola. Chega a contar de sua história, que começou a dar aulas não tinha ainda terminado o magistério – título o qual durante alguns anos carregou frente a coordenação dos trabalhos. Por volta de 2010, a Professora reinicia seus estudos depois de anos já na docência e com cargo já assegurado, resolve por cursar a Graduação em Pedagogia, à distância. As aulas eram aos finais de semana realizadas *online* na sede do município de Guaraqueçaba, cerca de 40 minutos de deslocamento de barco. Após algum tempo vencida esta etapa, graduou-se. É notória a dedicação da professora a Escola local, ao exercício de sua profissão e às crianças da comunidade. Logo após a graduação, ingressou em programa de especialização em orientação comunitária, na Universidade Federal do Paraná, setor Litoral.

Para além dos aprimoramentos técnicos, desempenha um papel de mobilização social a cerca da Escola. As melhorias de ordem pública que assegurem o bom funcionamento da Instituição para as crianças raramente chegam ao lugar,

---

<sup>19</sup> Em maioria as Vilas da região têm unidades de EMR, todas vinculadas a Secretaria de Educação de Guaraqueçaba, entretanto são poucas que têm unidades escolares que oferecem as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, sendo elas: Vila das Peças, Tibicanga, Barra do Superagui e Sebuí. As crianças de Barbados após concluída a 4ª série, prosseguem seus estudos na Barra do Superagui, fazendo o deslocamento de barco para esta outra Vila diariamente. São poucos os jovens que ingressam/ concluem o Ensino Médio, já que estas séries são ofertadas de noite e o trajeto de barco deixa as famílias receiosas.

em maioria as obras de reparo, manutenção são realizadas pela Professora, seus entes familiares e também em mutirões da comunidade. No ambiente escolar pode-se observar que são trabalhadas metodologias que não apenas passam-se conteúdos aos alunos, mas propõe-se a versar com estas atividades fora da sala de aula, como horta-comunitária feita pelos alunos, passeios para coletar elementos da flora local e trabalhar em sala de aula. São vistos cartazes nas paredes representando animais da flora local, por esta razão de já se identificar a abertura neste ambiente a proposta que se escolheu a EMR de Barbados e as crianças que a frequentam como sujeitos da pesquisa.

A partir da caracterização da área de estudo, Babados e o universo definido para a pesquisa, foi possível determinar os procedimentos metodológicos assumidos para cumprir com os objetivos da pesquisa. Tais procedimentos são apresentados e conceituados no capítulo a seguir.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica, segundo Goldenberg (2007), trata-se muito mais do que o estabelecimento de regras de como realizar uma pesquisa, mas em uma maneira de refletir e propiciar um ‘novo olhar’ sobre o mundo. A pesquisa científica requer criatividade, organização e modéstia por parte do pesquisador, que busca lançar-se ao permanente confronto entre o possível e o impossível. (GOLDENBERG, 2007)

O método científico caracteriza todas as ciências, mas nem todos os campos de estudos que utilizam métodos são ciências (MARCONI; LAKATOS, 2010). Assim o método científico é compreendido como

[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.65)

O trabalho de pesquisa proposto é de natureza qualitativa de caráter exploratório tendo como parte inicial dividida em duas partes a primeira com levantamento de dados realizados através dos procedimentos de pesquisa:

- Documental de fontes primárias, que segundo Marconi e Lakatos (2010) abrangem os dados históricos, bibliográficos e estatísticos; informações, pesquisas e material cartográfico; arquivos oficiais; registros em geral. Para tal parte, consideram-se as pesquisas acerca de Legislação Brasileira e Diretrizes Curriculares do Ensino no Paraná;
- Bibliográfica, fontes secundárias, que abrange a bibliografia publicada pertinentes aos temas propostos na pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2010). Nesta etapa, foram identificados artigos científicos a respeito do turismo comunitário, da educação para o turismo e o turismo em Barbados. Foram considerados artigos publicados em revistas e periódicos e também anais de eventos. Levantados também trabalhos de conclusão de cursos de graduação, mestrado e doutorado que tiveram *locus* em Barbados. Além de livros para o aporte conceitual do trabalho;

A segunda etapa do levantamento de dados é através do contato direto, realizado em observações participantes e pesquisas anteriores registradas em artigos científicos publicados que compuseram o referencial teórico.

Caracteriza-se esta pesquisa como exploratória-descritiva, conforme Marconi e Lakatos (2010), uma técnica de pesquisa que descreve um determinado fenômeno,

[...] por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto a acumulação de informações detalhadas, como as obtidas por intermédio da observação participante (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 171)

Conforme Dencker (1998) ao turismo a simples observação dos fatos não dá suporte suficiente ao conhecimento científico deles, é necessário, pois, conciliar observações e vivências aos resultados do conhecimento acadêmico e mediá-los.

Como técnicas de pesquisa fazem parte a observação participante, acrescentando ao trabalho por possibilitar, assim como aponta Gil (2008), “o conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (GIL, p.103, 2008), pois nesta técnica o ‘observador’ se exerce, por um tempo, o papel de um membro da comunidade e assim pode compreender para além da facticidade, mas também algumas das nuances subjetivas intrínsecas nas relações de determinado grupo, numa análise mais abrangente. Segundo Sampieri<sup>20</sup> (2006 apud MARTINS, 2011, p. 383) “implica em entrar a fundo em situações sociais e manter um papel ativo, assim como uma reflexão permanente, e estar atento aos detalhes (não as coisas superficiais) de fatos, eventos e interações”. Segundo Marconi e Lakatos (2010), o observador participante pode ser ‘natural’, aquele que faz parte do grupo pesquisado, ou ‘artificial’, indivíduo externo que se incorpora ao grupo/ comunidade pesquisado.

Alinhada à observação participante foi integrada a técnica de mapas mentais, a fim de acessar as percepções daqueles que são os sujeitos da pesquisa, no caso, as crianças da EMR da Vila de Barbados.

Buscou-se a referência em metodologia da educação com crianças, assumindo que estas necessitam de técnicas que se adaptem a riqueza de universo

---

<sup>20</sup> SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia de pesquisa**. Roberto Hernández Sampieri, Carlos Hernandez Collado, Pilar Baptista Lucio. 3. ed. São Paulo: McGraw- Hill, 2006.

que estas acessam e, que na sua maneira, o representam. Demartinni (2002), neste sentido afirma que é:

[...] preciso desvendar inicialmente a história da criança, do grupo em a que essa criança pertence e do grupo a que ela está ligada no momento da pesquisa. [...] É preciso verificar as marcas de cada criança, as marcas de cada infância e os processo de socialização. [...] temos crianças que falam, mas também temos processos de socialização que levam a não falar [...]. Isso demanda do pesquisador enfrentar uma dificuldade muito grande que é como entender o que não é dito ou aquilo que é dito numa “palavrinha” só, o que aquilo sintetiza. (DEMARTINNI, 2002, p. 8)

Para tanto, a utilização da técnica dos desenhos infantis e a oralidade, conforme indicado por Gobbi (2002, p. 71) o “desenho e a oralidade são compreendidos como reveladores olhares e concepções dos pequenos e pequenas sobre seu contexto social, histórico e cultural, pensados vividos e desejados”. A oralidade, segundo a pesquisadora está conjugada a produção do desenho infantil, representa tudo aquilo que é falado durante a produção. Referindo-se as crianças, é importante conceber que não um momento exato no tempo que a pesquisa propriamente se inicia, todo a sorte de elementos devem ser considerados, dessa forma, não apenas o desenho em si é de interesse, mas toda a manifestação acerca da criação do mesmo que a criança manifesta. (DEMARTINNI, 2002; GOBBI, 2002)

[...] os desenhos infantis em conjugação com a oralidade como formas privilegiadas de expressão das crianças. Quando aproximadas, podem resultar em documentos históricos aos quais podemos recorrer ao necessitarmos saber mais e melhor acerca de seu mundo vivido, imaginado, construído, numa atitude investigativa que procure contemplar a necessidade de conhecer parte da História e de suas histórias segundo seus próprios olhares. Dessa maneira, poderemos pensar e imaginar produções acadêmicas e, por que não, um mundo em que percebamos a presença de meninos e meninas pequenos e bem pequenos a partir de suas criações (GOBBI, 2002, p. 73)

Nos estudos de percepção podem ser utilizados os mapas mentais, que de acordo com Seeman (2003) os tais estudos requerem abordagem inter ou transdisciplinas entre variadas ciências, psicologia, antropologia, geografia, e outras. A maior dificuldade referida pelo autor é que ao se tratar de percepção, lida-se com processos mentais e cognitivos de difícil captação, sendo possíveis através da representação concreta, como desenhos, ações, comportamentos, etc. (SEEMAN, 2003, p. 3).

Nitsche (2007, p. 45), defende que além da representação física do espaço, os mapas podem “construir e comunicar ideias, mitos, costumes e fatos diversos, através da forma com que pessoas comuns expressam graficamente suas imagens mentais sobre seus lugares de vida”. Kozel (2006) referente a representação em mapas como produtos culturais, permeados de significados e subjetividades espaciais, refletindo compreensão social-cultural dos indivíduos que produzem tais subjetividades no espaço, “cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente uma visão muito particular dos lugares e territórios” (KOZEL, 2006, p. 140).

As representações através dos mapas mentais se apresentam como nova perspectiva a abordagem pedagógica da geografia no ensino fundamental e médio, por refletirem a compreensão social e cultural das crianças (NITSCHKE, 2007; KOZEL, 2006), considerando o aluno como “agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial” (KOZEL, 2006, p. 145)

Diante esse entendimento sobre as representações simbólicas e princípios referentes aos mapas mentais identificou-se nestes o aporte metodológico para o propósito da pesquisa de compreender a percepção das crianças da EMR de Barbados sobre o turismo em seu espaço de vivência. Quais os elementos caracterizam a atividade turística neste espaço vivenciado pela criança? O que representa o turista para elas?

A fim de conduzir os trabalhos, apresentou-se uma pergunta às crianças em sala de aula, sugerindo que estas representassem em desenhos “O que o turista faz em Barbados?” A partir deste questionamento, surgiram diferentes representações sobre o espaço de vivência e o local/ atividades em que o turista faz quando está em Barbados.

A atividade teve a presença de colaboradores externos que contribuíram a realização da coleta de dados junto às crianças. A identidade dessas foi preservada, sendo identificadas pelo termo ‘sujeito’ e informada a idade de cada uma delas, apesar de autorizada a pesquisa por seus responsáveis, opta-se pela preservação dos nomes evitando a exposição das mesmas.

Foram adotados os procedimentos metodológicos propostos por Kozel como caminho a decodificação e interpretação dos mapas mentais contruídos junto às crianças da EMR de Barbados.

Através dessa metodologia o conteúdo dos mapas mentais é analisado pelos seguintes quesitos (NISTCHE; KOZEL, 2006; KOZEL, 2007):

- 1 - Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem: letras, mapas, linhas, figuras, etc;
- 2 - Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem: em perspectiva, horizontal, vertical, dispersa;
- 3 - Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
  - Representação dos elementos da paisagem natural;
  - Representação dos elementos da paisagem construída;
  - Representação dos elementos móveis;
  - Representação dos elementos humanos.
- 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades

Segundo Kozel (2007), as três primeiras etapas da metodologia, 'separam' os mapas mentais de acordo com os itens propostos na pesquisa, e na quarta etapa 'apresentação de outros aspectos ou particularidades' que inicia-se a decodificação da mensagem.

Considerando o exposto anteriormente sobre os desenhos infantis e a oralidade, aos procedimentos da metodologia Kozel, foi aliada a abordagem da observação participante, buscando captar o máximo de informações tratadas pelas crianças através da oralidade no ato da construção dos mapas mentais. Com finalidade de adentrar ao universo da percepção da criança sobre a relação do turismo/ turista no seu espaço de vivência.

Os dados coletados durante a pesquisa empírica são apresentados no capítulo seguinte (cap. 6) o qual foi determinante na proposta do projeto em turismo, descrito no último capítulo desta pesquisa (cap.7).

## 6 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Neste capítulo serão apresentados resultados da pesquisa empírica de caráter qualitativo e análise dos dados coletados pelas técnicas de observação participante e mapas mentais. Os dados foram resultado de visita realizada à comunidade e intervenção realizada junto as crianças no início do mês de novembro de 2015.

Foi escolhido para esta atividade proposta as crianças, uma tarde após o período escolar, com propósito de não atrapalhar a rotina e conteúdo programático da escola e, também, de que fosse uma atividade proposta as crianças e que aquelas que se interessassem mais, comparecessem. Felizmente houve êxito na participação, pois das 11 crianças que frequentam atualmente as aulas na EMR de Barbados, 9 participaram da atividade espontaneamente respondendo ao convite e aderindo a proposta metodológica, gerando então resultado significativo ao universo da pesquisa.

Para análise dos mapas mentais foi adotada a metodologia Kozel, seguindo os quesitos já expostos em capítulo anterior, cujos aspectos propiciam análise das representações simbólicas das percepções de mundo do indivíduo.

As interpretações dos mapas mentais realizados em Barbados serão apresentadas a seguir, porém anterior as interpretações a fim de ilustrar e melhorar a compreensão do espaço de vivência apresentado - Vila de Barbados, são indicadas as Figuras 4 e 5 que representam a Vila de Barbados a partir de diferentes fontes.



FIGURA 4: VILA DE BARBADOS.  
FONTE: CULTIMAR, 2008a.



FIGURA 5: MAQUETE DA VILA DE BARBADOS CONSTRUÍDA PELOS ALUNOS DA EMR DE BARBADOS EM 2012.  
FOTO: DIOGO ROSSETO, 2012.

Conforme a metodologia proposta, os mapas foram interpretados em relação à: a) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; b)

Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; c) Interpretação quanto à especificidade dos ícones; d) Apresentação de outros aspectos ou particularidades (KOZEL, 2007)

a) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem:

Foram identificados elementos comuns representados nas imagens das crianças. Em 4 dos desenhos produzidos foram identificadas a combinação de representações em ícones e letras, sendo estes das crianças entre 10 e 12 anos. As letras apresentam-se de caráter complementar, indicando a representação de lugares e também a localização do turista na comunidade. Os outros 5 desenhos são representados unicamente por ícones, produzidos pelas crianças entre 6 e 7 anos. É possível concluir com isto que conforme passam-se os primeiros anos de alfabetização, a percepção da criança passa a recorrer aos recursos escritos também a fim de melhor comunicar suas mensagens.

Em relação ao recurso escrito são utilizadas setas e as palavras “turista” indicando a localização deste na comunidade (Figuras 4, 5, 6 e 11); “campo” indicando o campo de futebol demonstrando uma construção do espaço de vivência (Figura 5); “restaurante Seu Lopes” e “restaurante Odair” indicando os lugares que o turista visita quando vai à Barbados (Figuras 5 e 6); “lança” indicando meio de transporte (Figura 5); “pai”, indicado em uma canoa pescando com rede (Figura 11); “peixe” indicando prática econômica e base alimentar na comunidade; e “gato” e nomes de amigos da escola (Figura 5 e 6), fato que nos fez perceber a relação da criança, a representação de sua percepção de mundo e o que está acontecendo no momento em que ela está produzindo o mapa mental, remetendo a revisão bibliográfica que indica a importância de nos desenhos infantis considerar a oralidade para compreensão do raciocínio/ lógica da criança. Na tarde em que foi realizada a atividade com as crianças haviam gatos próximo e todos os nomes de crianças representados estavam presentes na atividade.

b) Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem:

Os elementos representados nos desenhos analisados foram apresentados em vista aérea (Figuras 6, 9 e 13) e dispersa (Figuras 7, 8, 10, 11, 12 e 14).

c) Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

- Representação dos elementos da paisagem natural;
- Representação dos elementos da paisagem construída;
- Representação dos elementos móveis;
- Representação dos elementos humanos.

Foram identificadas representações de elementos comuns em todos os desenhos. Todos os desenhos apresentam elementos da paisagem natural com árvores e flores, alguns representam também as águas da Baía dos Pinheiros, ou como costumam chamar, a maré (Figuras 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14); alguns desenhos apresentam também elementos do relevo na comunidade, representando a comunidade e a beira da maré (Figuras 6, 7, 11, 12 e 13); um desenho representa especificamente as árvores o manguezal, que pode ser identificado pelas raízes representadas (Figura 6).

Predomina a representação dos espaços construídos, podendo-se perceber que a representação da criança sobre Barbados se dá em principal pelas casas, trapiches, campo de futebol e caminho.

Em relação aos elementos móveis, a maioria dos desenhos apresentam barcos: canoa a remo; bateira; lancha (todas, exceto Figura 6 e 14).

Os elementos humanos são representados também em todos desenhos, demonstrando a importância das pessoas no espaço de vivência para as crianças. Indicando o funcionamento cotidiano da comunidade, representam pessoas nos barcos, no campo de futebol e o turista em específico, nos restaurantes e lancha.

d) Apresentação de outros aspectos ou particularidades

Apresentam-se em alguns desenhos a diferenciação entre os barcos e as pessoas (Figuras 7, 11 e 13): canoa a remo – deslocamento próximo à comunidade e pesca com tarrafa, indicam até mesmo eles (crianças) remando estas; bateira, indicando pescadores e deslocamentos mais afastados (ida à Guaraqueçaba para fazer compra); lancha, indica o turista. A seguir são apresentados os desenhos e algumas especificidades abordadas por cada criança.

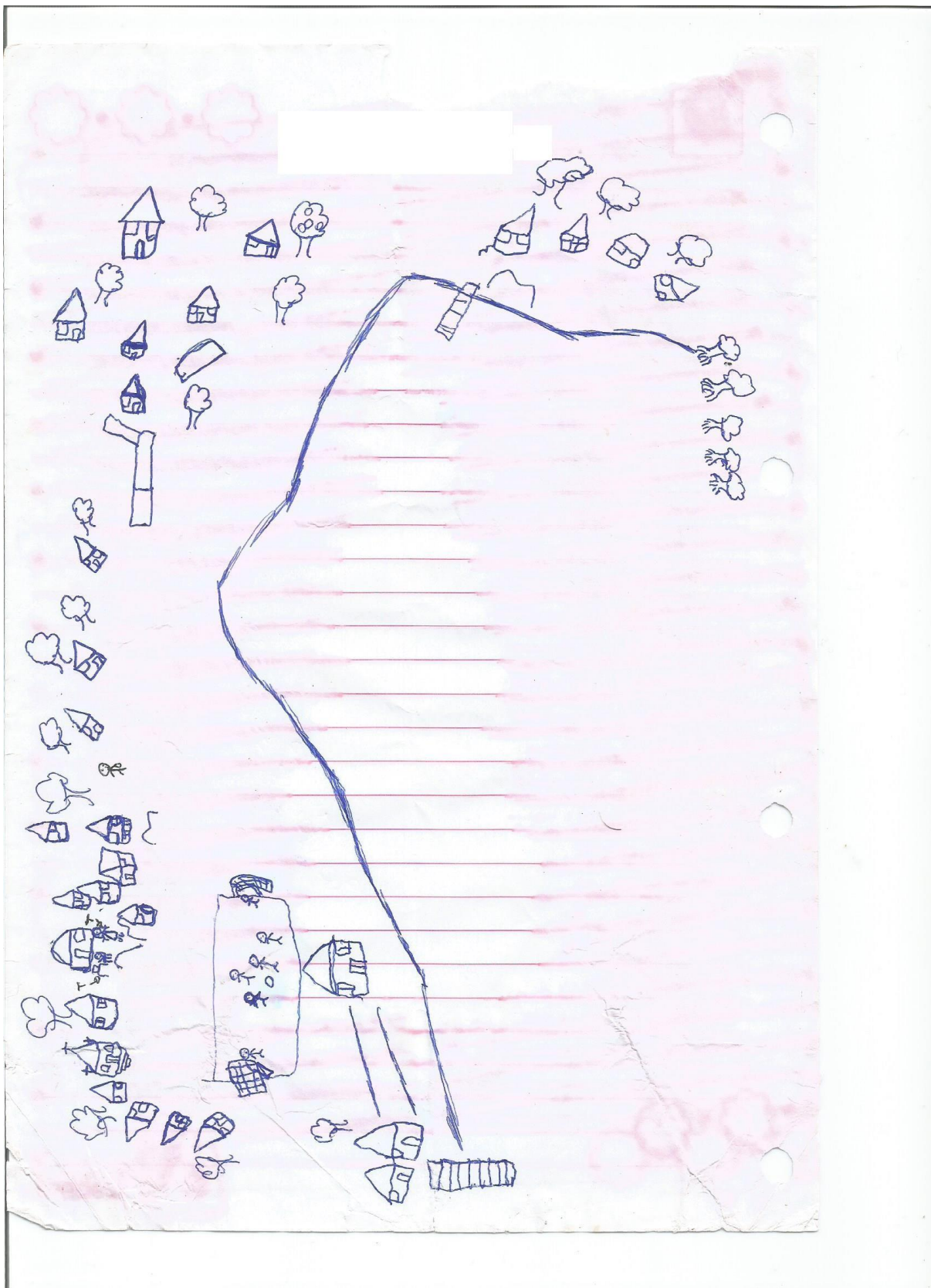


FIGURA 6: SUJEITO I, 10 ANOS.

Sujeito I (Figura 6) representa toda a comunidade, com suas casinhas, caminho, o campo de futebol como espaço de sociabilização dos moradores locais, a igreja e o turista indicado por setas e a sigla “T” no Restaurante do Seu Lopes. Ela representa os elementos da natureza através das arvores e é o único desenho que representa os manguezais, representa os trapiches da comunidade e delimita bem espacialmente a disposição da comunidade a beira da baía.

Sujeito II (Figura 7) representa sua comunidade com elementos dispersos, mas busca traçar os caminhos que interligam os espaços aborda a prática da pesca pelos moradores, a lancha que traz o turista e representa no centro do desenho, estes comendo em uma mesa de um dos restaurantes indicados, Restaurante Odair e Restaurante Seu Lopes. Ao se perguntar sobre o que o turista comia, ela dizia: “Está comendo ostra.”. Os visitantes da vila de Barbados aproveitam para comer ostra fresca que vem das lanternas de cultivo, como estão representadas pelos desenhos da Sujeito IV e VIII (Figuras 9 e 13).

A Sujeito III (Figura 8) representa os amigos próximos, e em outro extremo do desenho o turista nos espaços de Restaurantes, uma mesa mostrando estes fazendo refeições e também um turista junto a um pescador, nisto ela representa certa interação cultural do turista com o morador local e um de seus fazeres, a pesca. Vale ressaltar ainda o distanciamento das crianças representadas na imagem e o turista, sendo as crianças colocadas como observadores da presença do turista e suas interações.



FIGURA 7: SUJEITO II, 10 ANOS.

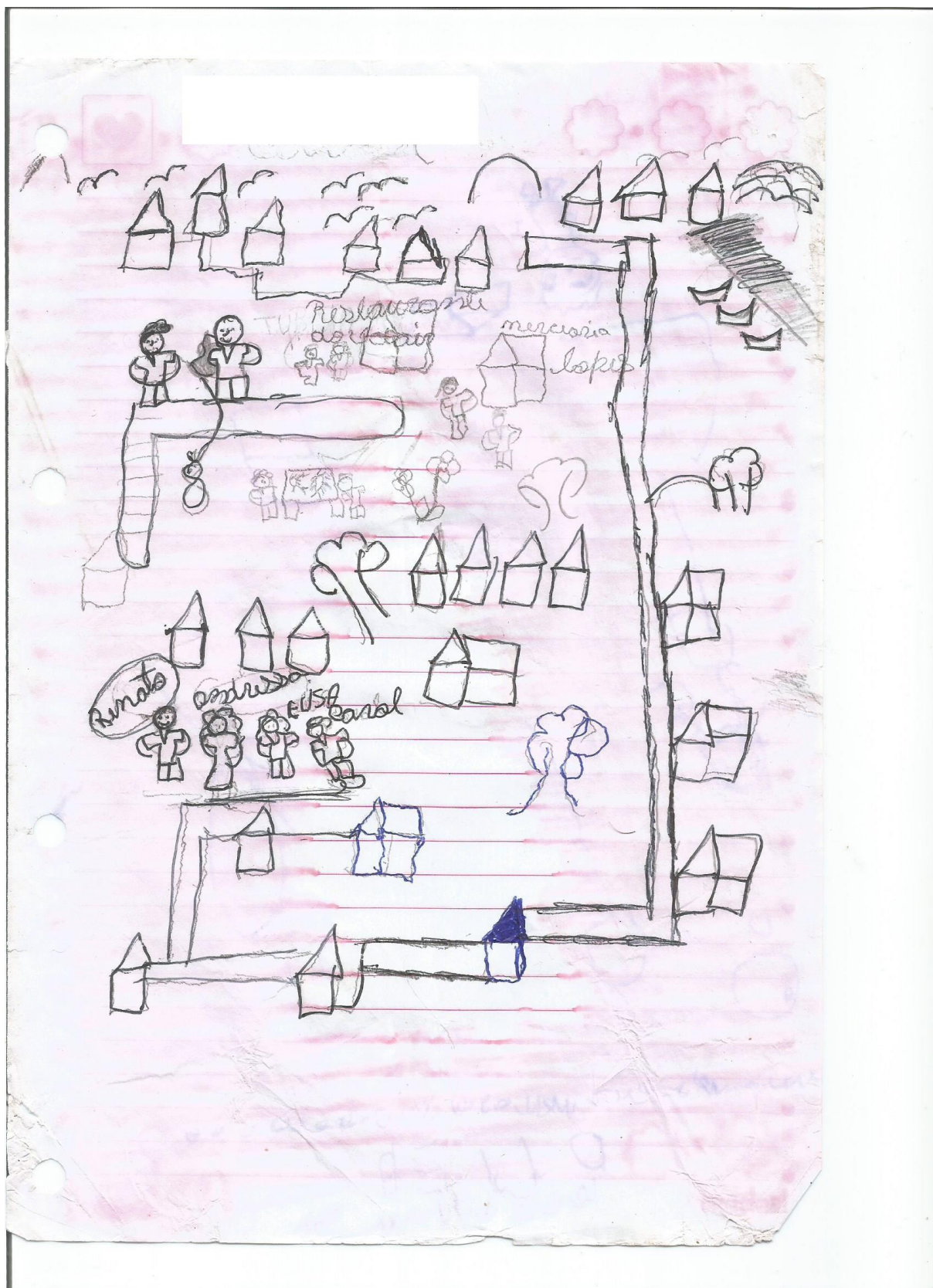


FIGURA 8: SUJEITO III, 12 ANOS.

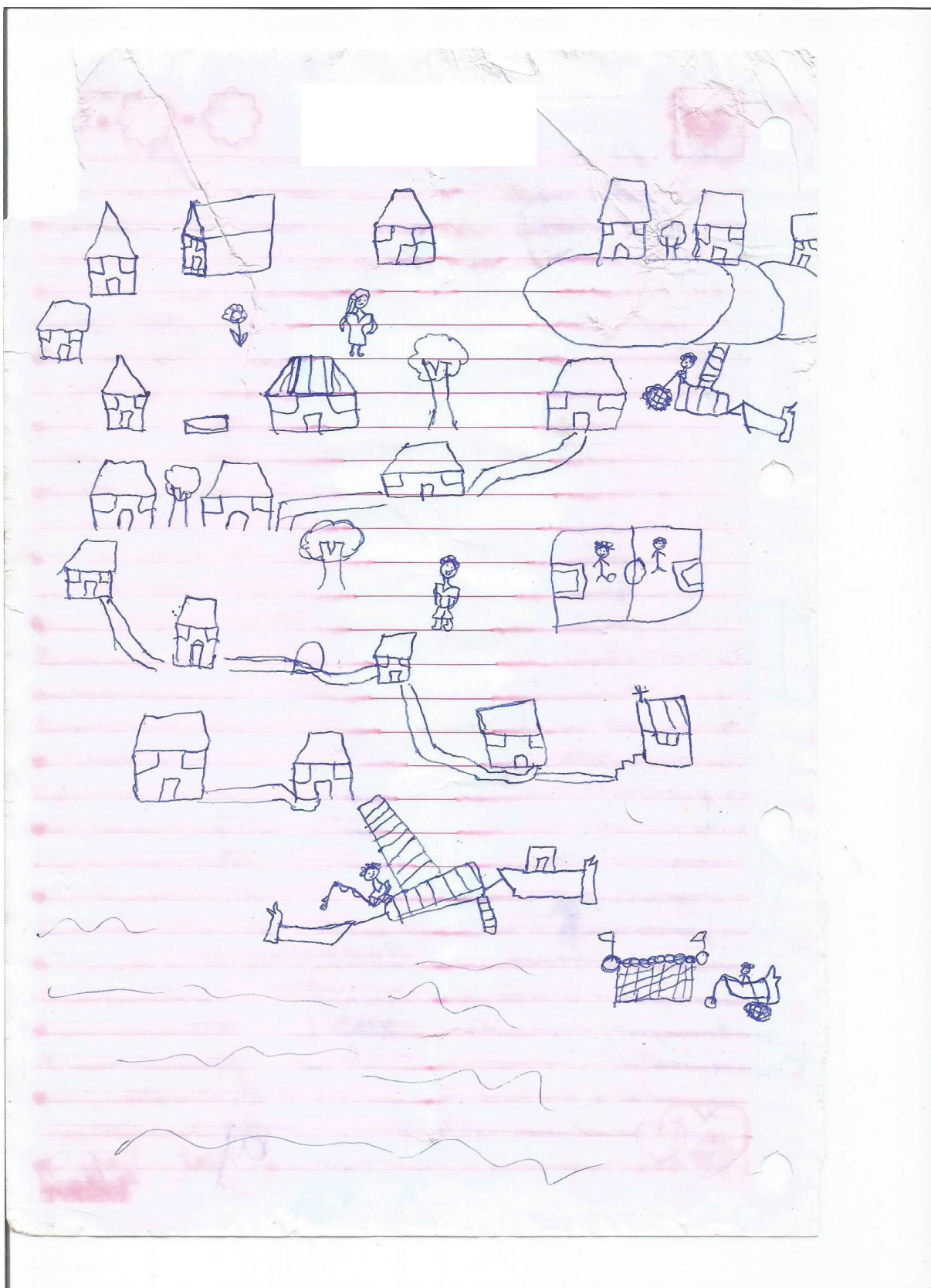


FIGURA 9: SUJEITO IV, 9 ANOS.

Os Sujeitos IV, VI e VIII (Figuras 9, 11 e 13) representam elementos dispersos e similares, casas, a igreja e barcos. O turista indicado nas figuras 9 e 10 como presente na região próxima ao campo de futebol, restaurantes e igreja. Já na figura 13 do Sujeito VIII, o turista é representado na lancha, chegando à comunidade. Ele referenciou que: “O turista vem da Barra para almoçar”, a Barra é o vilarejo de Superagui, que tem barco de linha e que mais leva visitantes à comunidade. A observação feita pelo Sujeito VIII demonstra o caráter de brevidade da estada do turista do lugar, sempre de passagem, em trânsito.

Os desenhos das crianças mais novas Sujeito V – 6 anos, Sujeito VII – 7 anos, e Sujeito IX – 6 anos, apresentam-se de maneira similar, menos elementos representados e bastante dispersos. Entretanto, todos apresentam as casas, elementos naturais com árvores e flores, pessoas

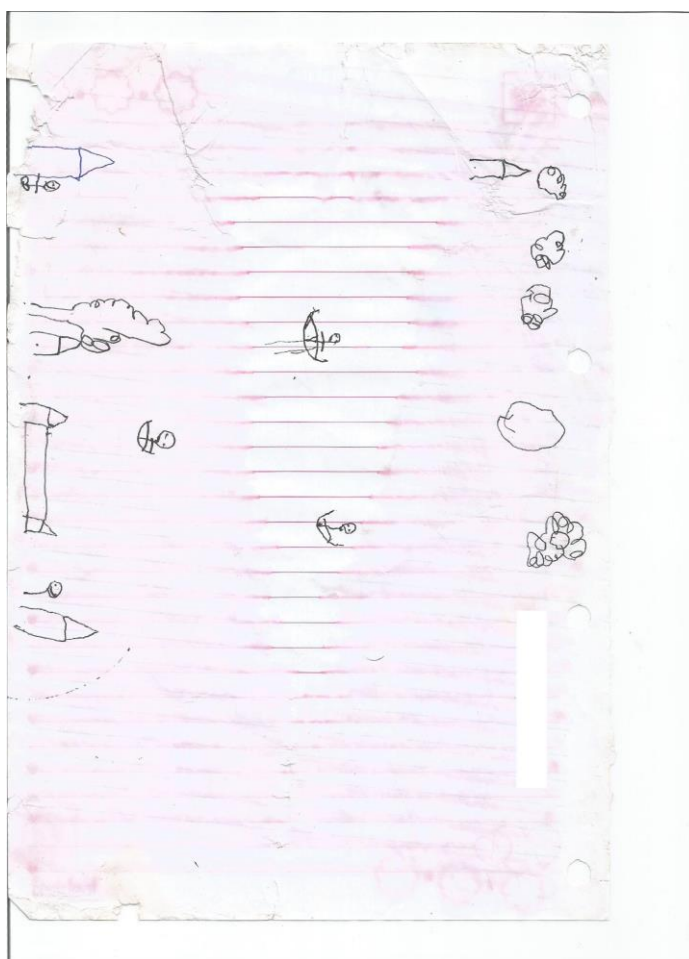


FIGURA 10: SUJEITO V, 6 ANOS.



FIGURA 11: SIJEITO VI, 8 ANOS.



FIGURA 12: SUJEITO VII, 7 ANOS.

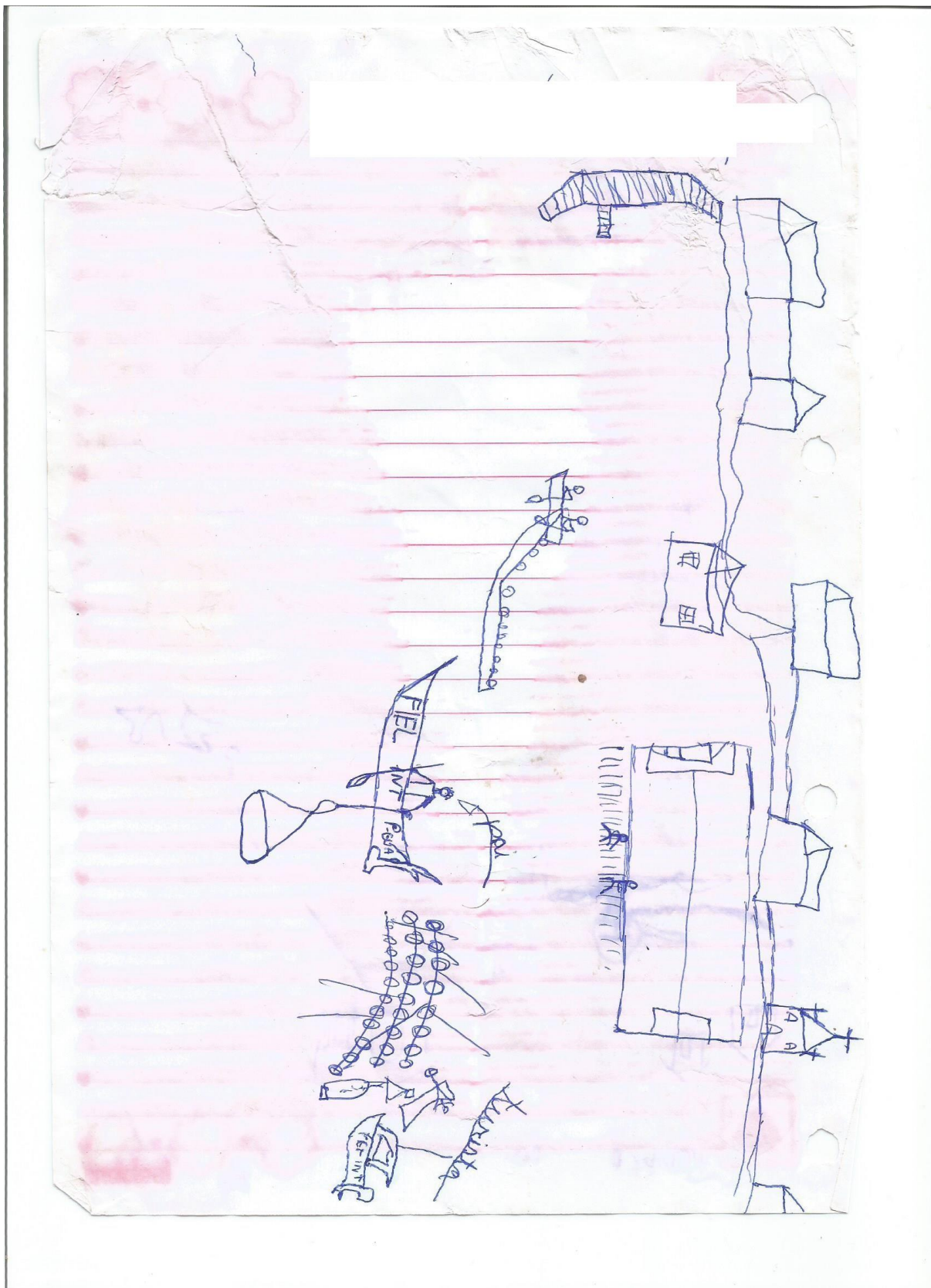


FIGURA 13: SUJEITO VIII, 10 ANOS.

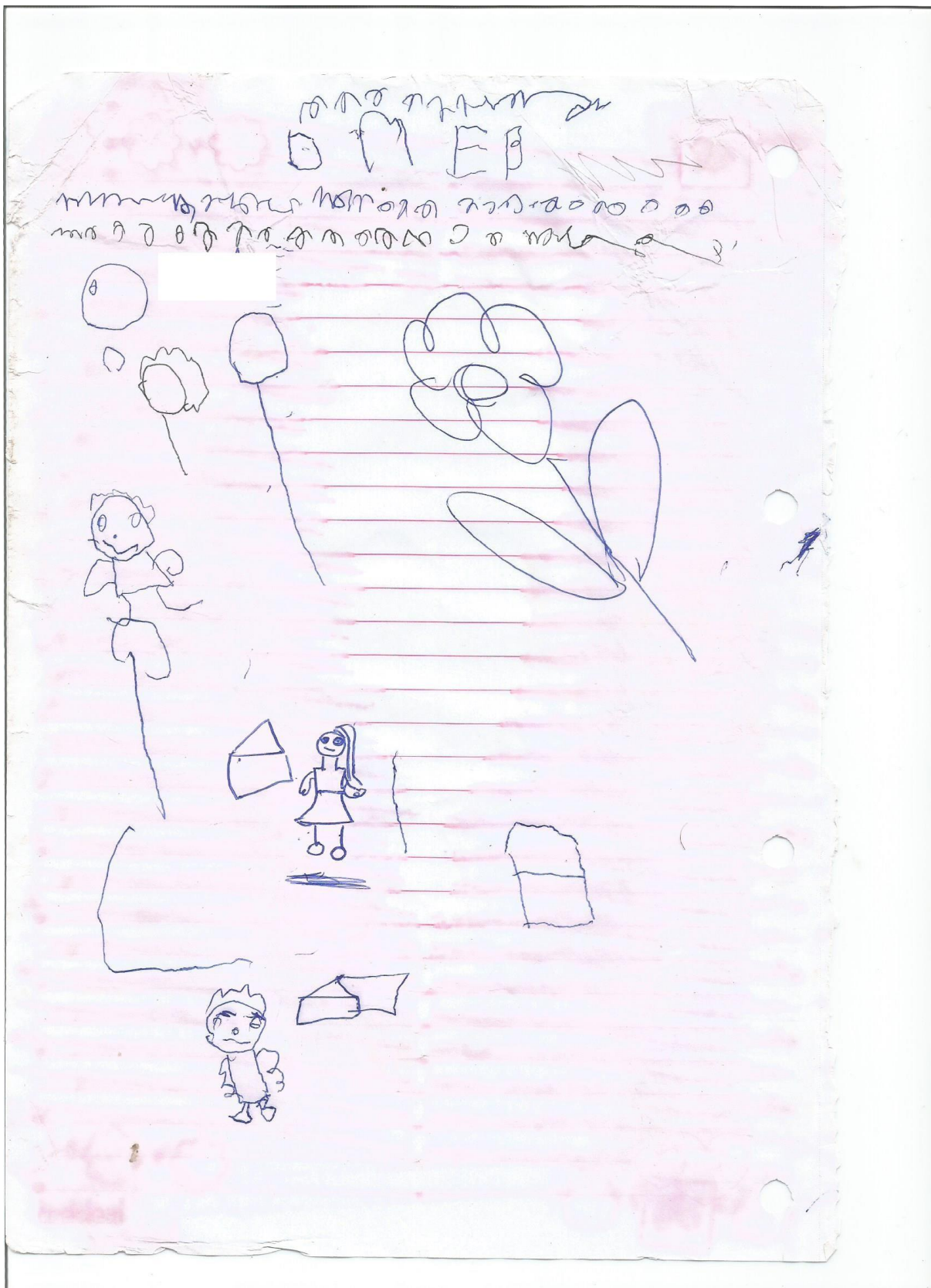


FIGURA 14: SUJEITO IX, 6 ANOS.

Os dados coletados através dos mapas mentais e suas interpretações segundo a metodologia aliada a observação participante permitiu identificar possibilidades a abordagem do turismo junto as crianças. Percebeu-se que algumas delas já trazem as atividades produtivas da comunidade como algo com que o turista possa se interessar, como no caso do Sujeito III (Figura 8) que apresenta o turista pescando com morador. Também identificou-se que alguns elementos que não estão diretamente ligados ao turista, mas que elas indicaram como relevantes de representar sobre sua comunidade, como o caso do cultivo de ostras em lanternas, que pode ser um elemento para vivência comunitária.

Identificou-se também que as crianças não participam de maneira ativa das atividades do turismo na comunidade de Barbados, mas que não são alheias a esta. O turista é um personagem que lhe causa curiosidade, o estrangeiro, aquele que fala diferente, se comporta diferente, as vezes motivo de risadas e piadas. As crianças representam bastante o turista e os outros elementos humanos são adultos, poucas se representaram nos mapas.

A referência da área que o turista acessa, em todos os desenhos, indicou o local próximo ao campo de futebol e restaurantes, indicando que para elas a visita a comunidade atualmente está relacionada apenas ao serviço de alimentação. Sendo uma oportunidade trabalhar com elas a diversificação de atrativos, a fim de aguçar o olhar para as potencialidades para o turismo em Barbados.

Os elementos comuns aos mapas são as representações dos espaços de convivência abertos na comunidade, como já dito, os espaços que indentificou-se que para elas o turista acessa são os Restaurantes. E o movimento dos turistas é abordado como cotidiano, enquanto elas representam os turstas ao mesmo tempo que apresentam as atividades cotidianas da Vila, a saída para pesca, o futebol do time da comunidade.

Salienta-se, entretando, alguns pontos advindos da pesquisa exploratória bibliográfica que antecedeu o campo, indicados no levantamento realizado por Coutinho, Sampaio e Rodrigues (2014) elementos que caracterizam o espaço de vivência de Barbados e que não são representados pelas crianças em seus mapas mentais, como a parte histórica das Ruínas, a personalidade do Michaud, a fabricação de farinha artesanal; elas relacionam diretamente a presença das crianças à gastronomia, ao serviço prestado, não exatamente a algum prato típico. Entretanto, nenhum destes elementos são desconhecidos às crianças e, pelo

contrário, eles fazem parte de seu conhecimento local. O que leva a considerar que tais elementos apenas não são considerados turísticos por elas e mesmo que estes acompanham conteúdos que tratam em sala de aula e nas suas casas, com os mais velhos, ambos espaços considerados de aprendizagem.

Trazer esses elementos à discussão do lúdico e da característica curiosidade das crianças é o que estimulou o projeto apresentado a seguir para a elaboração de um material didático e audiovisual do turismo na Vila de Barbados.

## 7 PROJETO: DESVENDANDO A MINHA COMUNIDADE

Como parte final desta pesquisa compreende a formatação de um projeto em turismo viável à localidade considerando todos os pontos tratados no decorrer da estruturação do trabalho, revisão teórica, dados coletados, informações coletadas *in loco* e análise destas informações.

### 7.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

A partir desta análise, pode-se destacar a construção e percepção de mundo das crianças. Do diálogo com estes pequenos indivíduos têm-se acesso a aspectos característicos da Comunidade que dão base a elaboração didática sobre a memória e a identidade local.

Reforça-se que as crianças podem e devem ser vistas como atores sociais, já ativos e participantes do processo de desenvolvimento de sua comunidade e, portanto, capazes de enriquecer uma proposta de turismo comunitário. Propõe-se assim a elaboração de material didático e audiovisual do turismo em Barbados através do olhar das crianças locais. Com principal objetivo comunicar o que as crianças reconhecem como interessante destacar em sua comunidade como: ambiente de lazer, de beleza e relevantes por suas história e estórias, os quais por sua vez, compõem potenciais atrativos turísticos.

*Desvendando a minha comunidade*, justifica-se como produto pelo processo realizado em campo com as crianças, no qual estas representam especialmente a sua percepção sobre os lugares que o turista acessa, o que ele vai conhecer em sua comunidade. Áreas em que se concentram os restaurantes familiares da comunidade, o campo de futebol e a Cozinha e Espaço Comunitário Michaud e, entretanto, são indicados diferentes atratividades na comunidade que podem ser de interesse ao turista, pelo olhar das crianças. Pontenciais atrativos que são ligados aos lugares naturais e também aos saberes dos moradores locais, as histórias do local e maneiras de reconhecer o seu ambiente que são passadas em gerações as quais as crianças apesar de apreciarem estes e indicarem como coisas interessantes em Barbados, não associam como algo comum aos turistas na comunidade.

Para além do reconhecimento da funcionalidade enquanto valorização do espaço de vivência e cultura local para a atividade do turismo, à comunidade o projeto propõe-se a atuar como importante na educação, aproximação dos pais as atividades educativas de seus filhos e, conseqüente, troca de saberes intergeracionais. Desta forma, o projeto objetiva o reconhecimento e diversificação do turismo local, corroborando ao fortalecimento e valorização sociocultural e do ambiente em que Barbados está inserido.

O projeto é sugerido como educação não-formal, com atividades extra-classe, ou seja, fora do período escolar apesar de as atividades poderem ser interligadas no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. É proposta a linguagem do audiovisual em processo educativo e lúdico em oficinas temáticas, cujos registros sejam incentivados ao protagonismo das crianças. Tuan (2012), em seus estudos da percepção traz o quanto o ser humano, é visual, portanto, nada melhor do que a linguagem do audiovisual para captar e transmitir a percepção.

Assim para além de trazer a tona a percepção da criança sobre sua comunidade e o turismo nesta, visa-se corroborar ao reconhecimento e valorização da cultura local e espaço de vivência, podendo tais materiais serem utilizados de maneira didática e como apoio ao turismo comunitário, tanto da ponto de vista da oferta quanto da demanda. Pois à oferta, havendo engajamento e participação destas novas gerações se corrobora a melhores perspectivas ao desenvolvimento e sucesso da atividade e, para a demanda, o material de apoio torna-se um insumo a mais na experiência de visitaçãõ da comunidade, bem como a presença destes atores mirins traz a possibilidade de uma nova experiência ao visitante.

Como procedimento metodológico ao Projeto da elaboração do material proposto, utilizar-se-á o método da pesquisa-ação, voltado principalmente para áreas de atuação em função de sua orientação prática. Pesquisa-ação assim como definido por Thiollent (2003, p.13) é:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Sob esse método o pesquisador tem papel ativo no acompanhamento, organização e avaliação das ações. Há experimentação de uma situação real e a

ação interfere no que está sendo observado, no caso, a inventariação e registros das potencialidades sob a percepção das crianças.

Alguns materiais foram referências à proposta por sua abordagem de produção a partir da percepção e protagonismo nas ações de crianças. Citam-se aqui suas inspirações *Juripiranga, este é meu lugar* (PAIVA, 2009); *Guia Vídeo na Escola!* (Instituto Criar, 2015) e *Guaraqueçaba: algumas de nossas escolas e comunidades* (SILVA *et al.*, 2010), este último material do qual a autora da presente pesquisa teve oportunidade de compor a equipe interdisciplinar em projeto de extensão no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná durante a graduação.

Tratar-se-ão a seguir das etapas envolvidas para elaboração deste material, as ações a serem cumpridas – envolvendo desde a sensibilização dos atores à capacitação para desenvolver o trabalho. Indicar-se-ão os atores de necessário envolvimento, justificativas e custo estimado para cada ação. Ao fim deste, será possível a planificação do projeto e a estimativa real de custos para execução do mesmo que é direcionado à própria comunidade.

Como trata-se de um projeto de cunho social, sem finalidade do retorno financeiro, mas sim do seu benefício à sociedade. Para sua realização, indica-se editais públicos como a principal fonte de financiamento.

### 7.1.1 Sensibilização

A etapa de sensibilização envolve a apresentação da proposta à comunidade em geral da investigação das crianças sobre os potenciais atrativos, afim de envolvimento não apenas dos atores mirins, mas da colaboração de todos, seja em apoio e incentivo às crianças e até mesmo no auxílio com informações. Esta fase, direciona-se a todos os moradores locais, em especial, aos pais das crianças e à Professora da EMR de Barbados. Além das próprias crianças, para as quais a proposta deverá assumir o papel da brincadeira, aguçando a sua curiosidade para com o novo – o ato de registrar seu espaço de vivência.

São prospectas duas ações nesta etapa, a primeira aos adultos da comunidade e a segunda às crianças:

### *Reunião para apresentação do projeto*

Apresentação da proposta aberta à comunidade toda no Espaço da EMR de Barbados. Tendo esta etapa como a mais formal, a mesma será principalmente direcionada aos adultos da comunidade - aqueles que são responsáveis pelas crianças, os pais, avós e Professora. Sem restrição de que as próprias crianças estejam presentes. Serão abordados na apresentação os objetivos de registros a partir das crianças sobre a comunidade de Barbados, por meio de instrumento audiovisual (fotografia e vídeo) e pesquisas/ entrevistas. Serão trazidos à pauta da reunião também a questão do valor deste estímulo para as crianças em sua aprendizagem tanto escolar, quanto sobre a sua história e identidade.

Por fim, apresentar-se-á o material que será gerado deste processo será destinado tanto ao uso na unidade escolar, quanto para apresentar aos visitantes/turistas quando estes estiverem em Barbados, a fim de provocar o interesse por demais atividades que podem ser realizadas por estes em sua permanência e assim dinamizar a atividade, para além dos serviços de alimentos e bebidas.

### *Tarde Lúdica*

Uma tarde de contação de histórias e lendas e sessão de cinema no espaço da EMR de Barbados depois do horário de aula. Esta ação é especificamente destinadas às crianças, os atores mirins do projeto, com finalidade a despertar a curiosidade destes para o ato de se contar, das representações e identidades que estas artes podem apresentar de um povo, de um lugar.

Consideradas as diferenças de idade e estágios de aprendizado escolar, nem todas os atores sabem ler, propõe-se as atividades de contação de histórias através de interleutor e a apresentação de vídeo, pois este é de acesso comum a todos. Também considerando estes fatores e a fim de apreender a atenção das crianças, serão utilizados materiais com apelo ao lúdico e também que tenham característica com as quais estas possam se identificar.

Os seguintes materiais serão apresentados a eles durante a tarde:

- As Lendas na Educação, estórias do baixo Sul e do Recôncavo Baiano (CULTIMAR, 2008b);
- Jurupiranga, este é meu lugar (PAIVA, 2009);

- DVD Guaraqueçaba algumas de nossas escolas e comunidades (SILVA, et al, 2010);
- Filme curto de entretenimento quaisquer.

Com esta tarde as crianças intenta-se o encantamento das crianças com a possibilidade de brincar com os registros de sua própria realidade e espaço.

### 7.1.2 Oficinas com os Atores Mirins

Após realizada a etapa do convite e aproximação da comunidade e dos atores mirins da proposta, vê-se a necessidade de capacitações para que estes possam desenvolver as ações propostas. As capacitações serão realizadas por meio de oficinas temáticas e com atividades bastante práticas, durante as oficinas já serão realizados os registros que darão aporte de conteúdo ao material audiovisual.

As oficinas serão gravadas, para registro do processo de produção e investigação realizado pelas crianças e também serão utilizados os materiais produzidos no processo, como desenhos, fotos e relatos. Estes serão, ao final, os conteúdos dos materiais propostos.

A seguir descrevem-se as oficinas que serão desenvolvidas:

#### *Oficina de audiovisual – Trabalhando com a câmera*

Aproximação e noções básicas sobre de manusear câmera filmadora. Direcionada às crianças serão trabalhados detalhes como ligar, gravar, segurar a câmera.

Esta oficina é muito mais para aproximar as crianças do instrumento que para ensina-las uma maneira de como filmar, o interesse é de que elas anseiem pelo mundo dos registros e da investigação através do visual. A oficina de audiovisual dará início ao trabalho, pelo fato de que todas demais oficinas serão registrados. O ideal é que se tenha câmeras disponíveis para revezamento entre os alunos.

### *Oficina “Meu olhar”*

Esta oficina refere-se a forma de roteirização do que será abordado no vídeo. Para tal processo, serão tratadas algumas temáticas com as crianças através de perguntas e o uso de desenhos, colagens e pequenos textos, estimulando a reflexão e processo investigativo sobre o espaço de vivência deles. Por este motivo o nome da oficina “meu olhar”, pois representa a forma com que as crianças enxergam Barbados, seus espaços preferidos, os sentimentos que estes lhe trazem e etc.; Os temas provocados na oficina a fim de acessar este olhar serão:

- O lugar onde eu vivo, minha comunidade
- O que eu gosto na minha comunidade? Onde eu gosto de ir e o que eu gosto de fazer?
- Percepção da criança sobre o elo com seu espaço de vivência, sua relação com o meio.
- O que eu gostaria de mostrar às pessoas que visitam Barbados?

Após as provocações na oficina, serão elencados junto as crianças alguns pontos comuns de saberes e fazeres, lugares e histórias que identificaram ao longo da oficina para que sejam perguntados aos pais ou pessoas mais velhas mais informações. Estimulando que elas atuem como pesquisadoras e entrevistadores em sua própria casa e tragam em um próximo encontro do grupo as informações coletadas para compartilhar com os colegas.

### *Oficina vivências comunitárias*

Como ultimo encontro desta etapa de capacitações, serão abordados os temas das vivências comunitárias, atrativos do turismo comunitário.

O encaminhamento do processo investigativo realizado pelas crianças juntos aos pais e mais velhos na comunidade serão abordados conjuntamente nesta oficina. As crianças compartilharão as informações, contando o que descobriram de novo sobre os temas que pesquisaram com os mais velhos da comunidade e, após serão trabalhados as noções básicas sobre turismo, turismo comunitário e vivências comunitárias.

Mais uma vez, a importância de se considerar as idades dos atores. Nesta oficina não serão trazidos conceitos de forma prática e sucinta. Ao fim desta

abordagem, estimular-se-á que elas identifiquem nos pontos investigados o que pode e o porquê ser uma vivência comunitária em Barbados.

### *Passeio orientado pela Comunidade*

Esta ação encerra a etapa de oficinas, neste as crianças elaborarão um passeio pela comunidade, tendo como ponto de partida a EMR de Barbados e terminando na área identificada por elas em estudo anterior como onde o turista fica em na Comunidade.

Terão de traçar um trajeto para o passeio, visitando os lugares e mostrando os pontos que identificaram de interesse na oficina de vivências comunitárias e as próprias crianças conduzirão o passeio apresentando o porquê da escolha deste lugar ou de determinada atividade que definiram mostrar. Será tudo registrado em vídeo.

#### 7.1.3 Edição e produção dos Materiais

Esta etapa trata-se da organização de todos os matérias registrados em campo para edição e produção dos materiais de audiovisual. Sendo o trabalho técnico, para edição das imagens captadas e formatação dos textos para e falas a serem inseridas no vídeo.

Durante o processo será indicada uma viagem à comunidade para apresentar o andamento dos produtos às crianças na EMR de Barbados junto da Professora. Nesta viagem, para finalizar a coleta de materiais, será realizada entrevista com a professora, a fim de questionar se houve mudanças nas crianças em sala de aula após o início do Projeto e quais são estas. Após esta viagem serão finalizados os materiais com todo o processo de produção e edição de imagens dos vídeos em um único vídeo-documentário; seleção, transcrição de falas e finalização.

#### 7.1.4 Apresentação dos materiais à Comunidade

Com os materiais finalizados, será realizada ultima viagem à comunidade para apresentar os mesmos em reunião com todos os moradores. Apresentar-se-á o

vídeo-documentário e distribuição de para todas as crianças, além de deixa-los na EMR em tutelados à Professora.

Depois de exibidos, propõe-se na reunião comunitária uma avaliação final de todos os moradores sobre a experiência.

## 7.2 CRONOGRAMA DO PROJETO

O projeto terá tempo de execução de 4 meses entre apresentar a ideia a comunidade, oficinas com as crianças e a edição e produção dos materiais. Sendo necessário durante este tempo visitas da equipe de consultores ao local, desenvolvendo as etapas e respectivas ações descritas. Para tanto, é positivo ter-se um cronograma estruturado destas etapas, até mesmo para que no processo se possa avaliar o andamento do projeto, identificando e corrigindo falhas de maneira a atingir os resultados esperados.

<b>ETAPAS E AÇÕES/ MÊS</b>	<b>1º MÊS</b>	<b>2º MÊS</b>	<b>3º MÊS</b>	<b>4º MÊS</b>
Sensibilização	X			
Oficinas com os Atores Mirins	X	X		
Edição e produção dos Materiais		X	X	
Apresentação dos materiais à Comunidade			X	X

## 7.3 CUSTOS

Para execução deve-se considerar os custos tanto em materiais necessários ao seu bem desenvolver, quanto com equipe de consultoria. Para tanto foram orçados para compor a equipe externa a consultoria dos seguintes profissionais: 1 Turismólogo; 1 Produtor de audiovisual. Em relação aos materiais para cumprir cada uma das etapas foram identificadas as seguintes necessidades: 1 projetor data-show, 5 câmeras filmadoras portáteis, 2 notebook, Material de apoio (cartolinas, lápis de cor, canetinhas, guachê, pincéis, sulfites, etc.). Também terão os custos indicados para o deslocamento da equipe em 5 viagens à comunidade de Barbados como descritos em cronograma.

A seguir apresenta-se o quadro de custos estipulados para a execução do projeto.

<b>EQUIPE</b>	<b>ETAPA</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Mês</b>	<b>Total</b>
Turismólogo	Todos	1	R\$ 1.500,00	R\$ 6.000,00
Produtor audiovisual	Todas	1	R\$ 1.500,00	R\$ 6.000,00
<b>CUSTOS OPERACIONAIS</b>	<b>ETAPA</b>	<b>2 pessoa</b>	<b>Viagens</b>	<b>Total</b>
Deslocamentos (Turismologo e Produtor)	Todas	2 pessoas	5 viagens	R\$ 1.260,00
Hospedagem e Refeições (Turismologo e Produtor)	Todas	2 pessoa	55 dias	R\$ 6.000,00
<b>MATERIAL</b>	<b>ETAPA</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Unidade</b>	<b>Total</b>
Projetor data-show	Apresentações	1	R\$660,00	R\$ 660,00
Câmera filmadora portátil para uso das crianças	Capacitações e produção	3	R\$165,00	R\$ 495,00
Câmera filmadora portátil para uso da Equipe (Turismologo e Produtor)	Apresentações, capacitações e produção	2	R\$1.499,00	R\$ 2.998,00
Notebook	Todas	2	R\$1.049,00	R\$ 2.098,00
Caixa de som	Apresentações	2	R\$780,00	R\$ 780,00
Pen drive 32 gb	Edição e produção	1	R\$80,00	R\$ 80,00
Material de apoio	Capacitações e produção	Estimado	Estimado	R\$ 400,00
Prensagem de DVDs	Apresentação e distribuição	100	R\$15,00	R\$ 1.500,00
<b>TOTAL</b>				<b>R\$ 28.271,00</b>

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a proposta apresentada neste trabalho pudesse se estruturar vinculando o processo educativo como essencial ao desenvolvimento do turismo comunitário, considerando os diversos aspectos, particularidades e possibilidades da atividade, mais especificamente, do turismo na Vila de Barbados, fez-se necessário realizar o estudo em duas etapas.

A primeira composta pelo planejamento da pesquisa e de leitura e revisão teórica dos conceitos definidos como norteadores para o seu desenvolvimento. A base para a construção deste trabalho consistiu na discussão teórica, pois possibilitou compreender e desenhar os caminhos à pesquisa empírica, a qual foi a segunda etapa deste trabalho. Nesta, possibilitou-se a aproximação do campo e dos atores envolvidos respondendo aos questionamentos levantados na primeira etapa.

O problema proposto que questionava a qual seria a percepção da criança sobre turismo no seu espaço de vivência foi respondido através pesquisa empírica e metodologia utilizada para análise dos dados coletados. Os resultados permitiram a confirmação total ou parcial das três hipóteses levantadas:

- As crianças percebem a atividade turística em seu espaço de vivência e participam ativamente desta; Parcialmente comprovada através das pesquisas foi identificado que as crianças percebem a atividade turística em seu espaço de vivência, entretanto elas não participam ativamente dela, são expectadoras.

- O turista é percebido pela criança como algo diferente, lhe despertando sentimentos de curiosidade, estranhamento, instigando-lhe a compartilhar com este, a sua maneira, um pouco de seu espaço vivência; Comprovada, as crianças apresentam que o turista é um sujeito que lhe causa curiosidade, apesar de sentir envergonhadas muitas vezes, elas se posicionam como observadoras atentas destes, fazem piadas e têm interesse por este sujeito estrangeiro no espaço de vivência delas.

- O turismo apesar de ser uma atividade presente no espaço de vivência das crianças da EMR de Barbados, não é um tema abordado na escola de maneira interdisciplinar ao programa curricular; Comprovado, o tema turismo não é abordado em sala de aula.

Com relação aos objetivos, estes foram respondidos. O objetivo geral, foi totalmente atingido, este consistia em analisar a percepção das crianças da EMR do turismo no seu espaço de vivência, a comunidade de Barbados. Em relação aos objetivos específicos que foram elencados de identificar os elementos que caracterizam o turismo no espaço de vivência das crianças da comunidade; analisar a percepção das crianças da EMR sobre a sua participação no turismo; desenvolver uma proposta de Educação para o Turismo para as crianças da EMR de Barbados.

A metodologia utilizada, representada pela pesquisa qualitativa, foi fundamental para responder aos objetivos da pesquisa. Esta permitiu acesso ao universo infantil de percepções, símbolos e sentimentos para com o ambiente. Acredita-se que os elementos iconizados nas representações das crianças, através dos mapas mentais, permitiu identificar não apenas a percepção desta sobre a atividade turística como já ocorre na comunidade, como as potencialidades para estimular este olhar infantil e o processo investigativo sobre outras possibilidades ao turismo, como as vivências comunitárias.

Assim, buscou-se por meio do projeto *Desvendando a Minha Comunidade* a valorização da criança enquanto atores sociais ativos no desenvolvimento de sua comunidade; o fortalecimento e valorização do espaço de vivência, memória e cultura local; e a identificação das potencialidades de diversificação da oferta de experiências ao turista que visita Barbados a partir da percepção das crianças.

Compreender que a criança é um sujeito ativo no desenvolvimento de sua comunidade e capaz de perceber o espaço que vive de maneira singular e, poeticamente, colorida. Faz com que este olhar torne-se um convite à uma nova experiência para o visitante, assim como faz com que estes atores mirins descubram o valor e significados de muitos elementos que compõem seus cotidianos e que por vezes são ou esquecidos ou simplesmente não vistos.

Entende-se que este projeto seria de validade ao aprendizado das crianças, estimulando-as a pesquisar e produzir algo com que se identifique com a pesquisa realizada. É ainda uma oportunidade, de se fortalecer ao turismo comunitário o desenvolvendo local endógeno da atividade, que segue com seus gargalos quando ao tratar do engajamento social inter-geracional, mas a longo prazo, o processo participativo colabora para que todos se sintam parte importante aos caminhos trilhados ao desenvolvimento de sua comunidade.

O trabalho de pesquisa tem suas dificuldades e, neste processo, foram vários caminhos percorridos, dúvidas, construções e desconstruções para chegar aos resultados obtidos e a elaboração do projeto. O exercício da pesquisa requer humildade, disciplina, mas sobretudo a vontade de fazer algo que se acredita que de alguma forma irá contribuir ao mundo idealizado. É necessário valorizar o conhecimento que se produz, seja ele científico, seja ele para desenvolvimento pessoal e social. A educação, a percepção e o universo infantil compõem temas com potencialidades de prover mudanças revolucionárias e, o turismo uma atividade essencialmente humana que permite versar essas diversas áreas de conhecimento e campos de estudo. Após realizada a presente pesquisa sobre a educação para o turismo na Vila de Barbados acredita-se que este seja um passo inicial: tímido, pequeno e forte, como as crianças.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A., OLIVEIRA, O., MAGANHOTTO, R. F., **Turismo e sustentabilidade em comunidade quilombola**. Guarapuava: Unicentro, 2011
- AZEVEDO, J. **"Enraização" de propostas turísticas**. In: RODRIGUES, A. B. (org) Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. São Paulo: Papirus, 2ª Ed. 1997.
- BARTHOLO JR (org.). **Marco Referencial Teórico para o Turismo de Base Comunitária**. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social, 2011.
- BENI, M. C., **Análise Estrutural do Turismo**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.
- BEZERRA, S. R. Z. S., **Apontamentos sobre Hospitalidade, Turismo e Modernidade**. Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Vol 12. nº 2. Jul/Dez, 2007. p. 335 -345.
- BRANDÃO, C. R., **O que é Educação?** 51ª reimp. da 1ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BURSZTYN, I; BARTHOLO, R; DELAMARO, M. **Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil**. IN: BARTHOLO, R.; Sansolo, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BURSZTYN, I. **Políticas públicas de turismo visando a inclusão social**. Dissertação de mestrado, Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ, 2005.
- CAMARGO, J.P., **Por uma Educação Turística: Um conceito em desenvolvimento**. Dissertação no Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.
- CASTRO, C. S., **Educação para o Turismo: Preservação da Identidade regional e respeito à cultura imaterial**. Revista de História e Estudos Culturais, v 5, Ano V, nº 4. Out/Nov/Dez, 2008.
- COELHO, K. **Entre Ilhas e Comunidades: Articulações Políticas e Conflitos Socioambientais no Parque Nacional do Superagui**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- CORIOLOANO, L.N.M.T., VASCONCELOS, F.P., **O turismo e a sociedade natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2007

CORIOLOANO, L. N. M. T., **Os limites do desenvolvimento e do turismo**. Pasos Revista do Turismo y Patrimonio Cultural. p. 161-171, Vol. 01, nº 2, ano 2003. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/1203/PS040603.pdf>. Consultado em: 23.abr.2015.

COUTINHO, G.C.T.P.; **O Fenomeno do Turismo na relação entre comunidades Tradicionais e Unidades de Conservação de Uso Integral**: Barbados e o Parque Nacional de Superagui, em Guaraqueçaba – PR. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

COUTINHO, G.C.T.P.; RODRIGUES, L.P. **Turismo de base comunitária na Vila de Barbados (PR)**. In: Anais do VIII Congresso Nacional de Ecoturismo e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.4, n.4, 2011, p. 622.

COUTINHO, G.C.T.P.; SAMPAIO, C. A. C.; RODRIGUES, L.P. **Vivências do Turismo Comunitário**: o caso da Vila de Barbados. In: Anais do XII Encontro Nacional de Turismo com Base Local. 2012.

COUTINHO, G. C.T. P.; SAMPAIO, C. A. C.; NITSCHKE, L. B., **Perspectiva da comunidade tradicional e dos gestores de áreas protegidas sobre o turismo**: Barbados e o Parque Nacional de Superagui, Paraná, Brasil. In: Anais do VI Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social. 2013.

COUTINHO, G.C.T.P.; SAMPAIO, C. A. C.; RODRIGUES, L.P. **Potenciais atrativos de comunidades tradicionais**: turismo comunitário em Barbados, Guaraqueçaba (PR). Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.6, n.5, nov-2013/jan-2014, pp.972-989.

CRUZ, R. C. A. **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual**: para pensar a realidade brasileira IN: BARTHOLO, R.; Sansolo, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CULTIMAR. **Recursos Naturais na Vida Caiçara**. Curitiba: Grupo Integrado de Aqüicultura e Estudos Ambientais. Universidade Federal do Paraná, 2008 (a).

CULTIMAR. **As Lendas na Educação**. Curitiba: Grupo Integrado de Aqüicultura e Estudos Ambientais. Universidade Federal do Paraná, 2008 (b).

DE LA TORRE, O. **El Turismo**: Fenómeno Turístico. México; Fondo de Cultura Economica, 1997.

DEMO, P., **Participação é conquista**: noções e política social participativa. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DEMARTINI, Z. B. F., **Infância, Pesquisa e Relatos Orais**. IN: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (orgs.), Por uma Cultura da Infância: Metodologias de pesquisa com Crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIEGUES, A. C. S. **A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização**. In: DIEGUES, A. C. S. (Org.). *Enciclopédia caiçara*. São Paulo: Hucitec, 2004.

DUARTE, L. A., **Argonautas do Superagui: Identidade, Território e Conflitos em um Parque Nacional Brasileiro**. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioeconômico) – Setor de Ciências Humanas e Educação, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERNANDES, V. SAMPAIO, C. A. C., **Formulação de Estratégias de desenvolvimento baseadas no conhecimento local**. *Revista de Administração de Empresas*. V. 5, nº 2, Artigo 11. Jul/ Dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v5n2/v5n2a02.pdf>. Consultado em: 22.abr.2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Pedagógica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FONSECA FILHO, Ari S. **Educação e Turismo: reflexões para elaboração de uma educação turística**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Márcia. **Desenho Infantil e Oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas**. IN: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (orgs.), *Por uma Cultura da Infância: Metodologias de pesquisa com Crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002.

GOLDENBERG, M., **A arte de pesquisar**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HENRÍQUEZ ZUNIGA, C; MANSUR, C; DIAS, A. **Diálogos participativos em desenvolvimento sustentável: indicadores socioambientais para a gestão territorial participativa da Microbacia do Rio Sagrado**. In: SAMPAIO, C. A. C.; HENRÍQUEZ, C.; MANSUR, C (org.). *Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática*. Blumenau: EDIFURB, 2011.

IRVING, M., **Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitária: inovar é possível?** IN: BARTHOLO, R.; Sansolo, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

INSTITUTO CRIAR, **Guia Vídeo nas Escolas!** Disponível em: [http://www.institutocriar.org/arquivos/guia\\_ilustrado\\_videocriar.pdf](http://www.institutocriar.org/arquivos/guia_ilustrado_videocriar.pdf), Acesso em: 16 de novembro de 2015.

KASHIWAGI, H. M. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: as homonímias sógnicas da paisagem em áreas preservadas**. Tese

(Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

KOZEL, S., **Comunicando e Representando: Mapas como construções socioculturais**. IN: SEEMAN, J. (Org.) A aventura cartográfica. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

KOZEL, S., **Mapas Mentais – Uma Forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas**. IN: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F., (Orgs.) Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanística. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

LEMOS, L. **O valor turístico na economia da sustentabilidade**. São Paulo: Aleph, 2005.

LICHTSTEINER, N. **Memória e narrativa através das cartas de William Michaud (1848 – 1902)**. IN: Revista de Monografias de História. nº 2, p. 71. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2008.

MALDONADO, C. **O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas**. IN: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. (orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MANHÃES, B.; LOCATELLI, A., **Questão de educação: como o turismo ensina?** Observatório de Inovação do Turismo, Vol VI, nº 1, Rio de Janeiro. Março, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M., **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ªed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, J. A. O. J., **A cultura cigana em questão: Significados e sentido da Instituição escolar para a crianças cigana**. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2011.

MORIN, E., **Os sete saberes necessários à educação do futuros**. Brasília: UNESCO, 2000.

NITSCHKE, L. B., **O significado do Turismo no Roteiro “Caminhos de Guajuvira”, Araucária, Paraná**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do paraná, Curitiba, 2007.

NITSCHKE, L. B.; KOZEL, S., **Mapas mentais revelando o turismo no espaço vivido dos “Caminhos de Guajuvira”, Araucária/PR**. Anais do 1  Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representa es - NEER, UFPR, Curitiba, 2006.

PAIVA, J. I. . **Juripiranga este é o meu lugar**. Porto alegre: Editora Plus, 2009.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável: A proteção do meio ambiente.** Campinas: Papirus, 1997.

SAMPAIO, C. A. C.; COUTINHO, G.C.T.P.; RODRIGUES, L.P. **Fatores Motivacionais do Turista Comunitário.** In: anais IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. 2012.

SAMPAIO, C. A.C.; LESAMA, M. F.; ARAÚJO, J. R.; MENDEZ, E. O. **Perspectiva do Turismo Comunitário, Solidário e Sustentável.** In: SAMPAIO, C. A. C.; HENRÍQUEZ, C.; MANSUR, C (org.). Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática. Blumenau: EDIFURB, 2011.

SAMPAIO, C. A. C., LESAMA, M. F., ARAÚJO, J. R. **Arranjos socioprodutivos e políticos de base comunitária, solidária e sustentável.** IN: PHILIPPI JR. A., SAMPAIO, C. A. C., FERNANDES, V. Gestão de natureza pública e sustentabilidade. Barueri: Manole, 2012.

SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro.** In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. (orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SEED/PR. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná: Educação do Campo.** 2006.

SEEMAN, J. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa.** Olam Cienc. Tec. Rio Claro, v. 03, n.1, p.200-223, set. 2003.

SILVA, Luiz Rogério Oliveira da.; Borges, André Essenfelder; WENDHAUSEN, C. K.; LIMA, C. A. A.; SILVA, C. M.; SANTOS, C. R. C.; VOGET, I.; MUNIZ, J. C.; RODRIGUES, L. P.; ALVES, N. F.; COSTA, P. H. O.; GRACA, R. S. F. S.; ESCOBAR, V. D.; **Comunidades Tradicionais do Litoral do Paraná e a Questão Sócioambiental.** In: 2 Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão, 2010, Curitiba. SIEPE: Rumo aos 100 anos da UFPR: avanços e realizações no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, 2010.

SILVA, Luiz Rogério Oliveira da.; Borges, André Essenfelder; WENDHAUSEN, C. K.; LIMA, C. A. A.; SILVA, C. M.; SANTOS, C. R. C.; VOGET, I.; MUNIZ, J. C.; RODRIGUES, L. P.; ALVES, N. F.; COSTA, P. H. O.; GRACA, R. S. F. S.; ESCOBAR, V. D.; PEREIRA, J. M.; CORREA, M.; AGOSTINHO, S. S.; ANTONIO, M. G.; BELLO, S. A.; VIDAL, F. G.; ALVES JUNIOR, J. A.; SANTOS, J. M.; LUCAS, L. M.; OILKE, D. C.; COLOZIO, P. B. **Guaraqueçaba: algumas de nossas escolas e comunidades.** 2010. (Livreto/ Material Didático).

SOUSA, C. C. B.; MARTINS, J. C. O. **A Educação Ambiental no Ensino do Turismo nas Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará.** In: MATOS, K.S. A L. (org) Educação Ambiental e Sustentabilidade IV. Fortaleza: Ed. UFC, 2013, P. 285-296.

THIOLLENT, M., **Coleção temas básicos de pesquisa-ação.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TUAN, YI-FU, **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira, Londrina: Edeal, 2012.

VIVEKANANDA, G. **Parque Nacional do Superagui**: a presença humana e os objetivos de conservação. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

VON BEHR, M., **Guarakessaba, Paraná, Brasil**: passado, presente, futuro. São Paulo: Empresa das Artes, 1997.

ZAMIGNAN, G.; SAMPAIO, C. A. C., **Estudo da Demanda Turística**: Experiência de Turismo Comunitário da Microbacia do Rio Sagrado, Morretes (PR). In: CULTUR, ano 06, nº 01, 2012.

ZAOUAL, Hassan. **Do turismo de massa ao turismo situado**. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. (orgs.). Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

ZUNIGA, C. E. H.; VERA, M. P.; SKEWES, J. C.; SAMPAIO, C. A. C., **Culturas Originárias e Turismo**: uma experiência de turismo comunitário no mundo Mapuche, Tralcao, sul do Chile. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.5, n.1, jan/abr-2012, pp.103-118.

WAHAB, S. E. A., **Introdução à administração do turismo**: alguns aspectos estruturais e operacionais do turismo internacional: teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

WUST, C.; MARCANTONIO, R.; **Empoderamento Social Local**: A vital importância da democracia e da cidadania na construção de políticas públicas municipais. Anais do XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na sociedade contemporânea, UNICS, 2014.

